

A Família Escrava em Lorena (1801)

IRACI DEL NERO DA COSTA
ROBERT W. SLENES
STUART B. SCHWARTZ

Resumo

Analisa-se as listas nominativas de quatro das oito Companhias de Ordenanças de Lorena, em 1801. Estudam-se as características básicas dos escravos (estado conjugal, idade, sexo etc), destacando-se a existência de relações familiares entre 53% da massa escrava. Analisando-se a estrutura destas famílias, indica-se a predominância das "regularmente" constituídas, com uma maior concentração nos grandes plantéis. Estudam-se também a legitimidade das crianças com 14 ou menos anos e a condição das mães (casadas, viúvas ou solteiras), segundo a origem e a cor e por faixas etárias.

Abstract

This work analyses the 1801 manuscript censuses of four of the eight **Companhias de Ordenanças** of Lorena. The main characteristics of the slave population are studied (marital status, age, sex etc), which shows that 53% of all slaves had family ties. The analyses of slave family structures shows that the "regular" families were predominant and concentrated in the estates with greater number of slaves. Other aspects studied are: the legitimacy of the children under 14 and the condition of the mothers (married, widowed or single), by origin, colour and age groups.

Introdução

A preocupação com o estudo da família escrava no Brasil é recente⁽¹⁾ e os resultados alcançados, embora expressivos, ainda mostram-se limitados, seja pela área

O autores são, respectivamente, professor do Depto de Economia da FEA/USP e pesquisador da FIPE, professor do Depto de História da UNICAMP e professor do Depto de História da Universidade de Minnesota.

(*) Os autores agradecem à SEPLAN e à FIPE o apoio que permitiu a realização deste estudo; com respeito ao apêndice estatístico somos particularmente gratos pelas críticas e sugestões de Cornélia N. Porto.

(1) A título ilustrativo, lembramos os trabalhos de SLENES, Robert W. *Escravidão e Família: Padrões de Casamento e Estabilidade Familiar numa Comunidade Escrava (Campinas, século XIX)*. *Estudos Econômi-*

abrangida, seja pelo espaço temporal contemplado; visando a contribuir para o alargamento de nossos conhecimentos sobre o tema e, sobretudo, procurando estimular novas pesquisas sobre o mesmo, apresentamos neste artigo os resultados concernentes às listas nominativas de quatro Companhias de Ordenanças de Lorena (SP) e correspondentes a 1801⁽²⁾. Como sabido, nesta quadra o café apenas iniciava sua penetração no Vale do Paraíba paulista e a produção de açúcar, aguardente, fumo, algum toucinho, e de gêneros de subsistência (arroz, milho, feijão e mandioca), embora modestas, mostravam-se dominantes na área em apreço. Viviam-se, não obstante, como sobejamente firmado pela historiografia, momento de relativa euforia econômica e de significativos movimentos populacionais decorrentes do impulso observado na economia paulista no último quartel do século XVIII, marcado pela recuperação da autonomia administrativa da Capitania e pelo restabelecimento da produção açucareira⁽³⁾.

O quadro acima delineado expressa, fidedignamente, as condições imperantes em Lorena ao abrir-se o século XIX. Assim, dos 162 escravistas constantes das listas nominativas aqui consideradas, 26 eram apresentados como Senhores de Engenho – alguns com uns poucos escravos, mas parcela majoritária deles os possuía em número considerável – 105 foram arrolados como Agricultores ou Criadores de animais – predominando neste caso a produção dos gêneros acima anotados –, 8 definiam-se como Negociantes ou Rentistas, 6 dedicavam-se ao trabalho da Igreja ou eram Profissionais Liberais e 11 vinculavam-se ao artesanato; já para os 6 restantes não estava explícita a atividade econômica na qual se ocupavam.

Os homens – 106 casados, 15 solteiros e 2 viúvos – dominavam no grupo de proprietários de escravos, entre os quais computaram-se 39 mulheres (24,1% dos escravistas) – 8 solteiras e 31 viúvas, que possuíam 18,3% do número total de cativos. Com respeito à cor, predominavam maciçamente os brancos, pois computamos apenas 3 pardos (casados), 3 pardas solteiras e uma preta viúva. A grande maioria destes proprietários havia nascido na própria capitania de São Paulo (46,3% em Lorena e 14,2% em outros núcleos paulistas), parcela substantiva compunha-se de naturais de capitanias vizinhas (19,1% de Minas Gerais e 5,6% do Rio de Janeiro,

... *cos*, 17(2): 217-27, maio-ago. 1987; COSTA, Iraci del Nero da & LUNA, Francisco Vidal. Vila Rica: Nota sobre Casamentos de Escravos (1727-1826). *África*. São Paulo, Centro de Estudos Africanos da USP, (4): 105-109, 1981; COSTA, Iraci del Nero da & GUTIÉRREZ, Horacio. Nota sobre Casamentos de Escravos em São Paulo e no Paraná (1830). *História: Questões e Debates*. Curitiba, Associação Paranaense de História – APAH, 5 (9): 313-321, dez. 1984; GRAHAM, Richard. A "Família" Escrava no Brasil Colonial. In: *Escravidão, Reforma e Imperialismo*. São Paulo, Perspectiva, 1979, p. 41-57 (Coleção Debates, 146); METCALF, Alida C. *Families of Planters, Peasants, and Slaves: Strategies for Survival in Santana de Parnaíba, Brazil, 1720-1820*. The University of Texas at Austin, 1983; SCHWARTZ, Stuart B. A População Escrava na Bahia. In: COSTA, Iraci del Nero da (org.). *Brasil: História Econômica e Demográfica*. São Paulo, IPE-USP, 1986, p. 37-76 (Série Relatórios de Pesquisa, 27).

(2) As fontes primárias de que nos servimos referem-se a quatro (primeira, segunda, quinta e sétima) das oito Companhias de Ordenanças então integrantes da Vila de Nossa Senhora da Piedade de Lorena e estão depositadas no Arquivo do Estado de São Paulo, *Maços da População*, ordem 98, caixa 98.

(3) Sobre esta questão veja-se PÉTRONE (1968).

com 0,6% de brasileiros sem especificação do local de origem); já os nascidos em Portugal ou Ilhas Atlânticas compareciam com peso mais modesto: 14,2%.

Como verificado para outras áreas do Brasil, a quantidade de pequenos escravistas preponderava largamente, muito embora coubesse aos médios e grandes proprietários a posse da maior parte de escravos (Cf. tabela 1). Entre os pequenos proprietários encontravam-se os 3 (1,9% do total) agregados, cujos cativos somavam 4 (0,4% da escravaria).

TABELA 1

DISTRIBUIÇÃO DE ESCRAVISTAS E ESCRAVOS POSSUÍDOS
SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS (FTP)

FTP	Escravistas		Escravos		Nº médio de escravos por proprietário
	nºs. absol.	%	nºs. absol.	%	
1 - 4	103	63,6	213	23,4	2,07
5 - 9	32	19,8	212	23,2	6,63
10 - 41	27	16,6	487	53,4	18,04
TOTAIS	162	100,0	912	100,0	5,63

Após este breve perfil dos proprietários de escravos, passemos ao estudo da família escrava, objeto precípuo desta pesquisa⁽⁴⁾.

Ainda no âmbito destas notas introdutórias cabe uma observação final. Via de regra, não consta das listas nominativas concernentes aos levantamentos populacionais do passado a discriminação clara e explícita das famílias escravas. Não é este o caso dos códices aqui considerados, pois nos mesmos vêm, inequivocamente identificadas, as famílias escravas, sejam aquelas compostas apenas pelos dois cônjuges ou dos mesmos e sua respectiva prole, sejam as referentes às mães solteiras e seus filhos; tal fato, raro como apontamos acima, levou-nos a escolhê-los para

(4) Reservamos para outro artigo, especificamente votado à consideração da estrutura de posse dos cativos, a análise exaustiva das características demo-econômicas dos escravistas e da massa escrava detida pelos mesmos. Os dados aqui apresentados servem, tão-somente, para permitir ao leitor uma visão panorâmica e genérica dos proprietários dos escravos de cujas famílias ocupar-nos-emos pomenorizadamente nos tópicos subseqüentes do presente trabalho. Ao ensejo em que anunciamos um estudo destinado precipuamente à compreensão mais profunda da estrutura de posse de escravos, chamamos a atenção do leitor para a sistemática inflexão, inclusive e sobretudo ao nível das variáveis demográficas, que se observará a contar dos plantéis com 10 escravos. Ora, acima deste quantitativo só contamos escravistas dedicados à faina agrícola ou à produção açucareira; embora também os encontrássemos entre os possuidores de plantéis com menor número de escravos, parece-nos que em torno dos 10 cativos por plantel encontra-se um provável divisor de águas entre dois padrões de posse e utilização da mão-de-obra reduzida ao cativo. O primeiro talvez apareça vinculado ao artesanato, atividades burocráticas e outras ocupações de caráter urbano, cobrindo, com respeito ao meio rural, a pequena produção destinada ao autoconsumo ou à comercialização em escala modesta. De outro lado, encontraríamos, no segundo perfil de posse, a produção em escala comercial, possivelmente vinculada mais estreitamente ao cultivo e/ou beneficiamento de gêneros de exportação. Por ora bastam estas genéricas hipóteses de trabalho, as quais retomaremos oportunamente.

análise, pois sua riqueza de informações permitiu-nos estudar circunstanciadamente a estrutura familiar da massa escrava das quatro companhias de ordenanças arroladas na abertura desse item.

1. Estado Conjugal dos Cativos: Visão de Conjunto

Neste, como nos tópicos subsecutivos, adotamos dois cortes básicos para a apresentação de resultados, um obedecendo às faixas etárias dos escravos, outro tomando em conta as faixas de tamanho dos plantéis integrados pelos mesmos. Operando desta maneira procuraremos evidenciar como as variáveis demográficas viam-se afetadas pelo tamanho dos grupos nos quais reuniam-se os cativos; mostraremos ademais, o impacto, decorrente do comportamento demográfico dos escravos, sobre plantéis que diferiam numericamente ou se distinguiam pela ocupação a que se destinavam as pessoas a eles adstritas.

Antes de abordarmos as questões referentes ao estado conjugal dos escravos, vejamos como se apresentava, em termos genéricos, a população escrava objeto deste estudo.

TABELA 2

DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO
GRANDES FAIXAS ETÁRIAS, SEXO E ESTADO CONJUGAL

GFE	Solteiros		Casados		Viúvos		Total			Razão de Masculinidade	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H+M	Total ^(a)	Coloniais ^(b)
0-14	169	178		1	-		169	179	348	94,4	90,6
15-59	231	131	78	85	5	3	314	219	533	143,4	110,3
60 e mais	5	9	9	4	1	3	15	16	31	93,8	27,3
TOTAIS	405	318	87	90	6	6	498	414	912	120,3	97,6

Nota: (a) Computada toda a população escrava;

(b) considerados, tão-somente, os cativos nascidos no Brasil.

Na tabela 2 distribuímo-la segundo grandes faixas etárias e alguns outros atributos demográficos, dela derivando algumas inferências imediatas. A presença de ponderável número de crianças com 14 ou menos anos de idade (38% do total) autoriza-nos a afirmar tratar-se de uma população relativamente jovem. De outro lado, a reversão da razão de masculinidade entre a primeira e a segunda faixas etárias – de 94,4 homens por grupos de 100 mulheres, para valor correlato de 143,4 –, impõe-se como evidência da introdução preponderante do elemento masculino originário da África; cumpre notar a este respeito o elevado peso relativo dos homens no contingente escravo composto por pessoas nascidas naquele continente: 221,0 homens por grupo de 100 mulheres. Embora os africanos de ambos os sexos representas-

sem apenas 26,8% da população em foco, este desequilíbrio era suficientemente grande para explicar parte substantiva daquela reversão. Assim, caso excluíssemos o elemento africano, as razões de masculinidade das duas primeiras grandes faixas etárias reduzir-se-iam, respectivamente, a 90,6 e 110,3 (Cf. a última coluna da tabela 2); nesta última coluna computamos, pois, apenas os cativos nascidos na colônia, para os quais encontramos uma razão de masculinidade indicativa do equilíbrio entre os sexos: 97,6.

Ressalta, ademais, da tabela 2, o predomínio numérico dos solteiros, embora fosse expressiva a participação de casados ou viúvos.

A distribuição desta mesma população segundo faixas de tamanho dos plantéis possibilita-nos o estabelecimento de importante conclusão adicional, a qual será retomada no correr deste estudo, ou seja, a desigual distribuição de homens e mulheres entre os distintos estratos de tamanho. Assim, as mulheres aparecem majoritariamente na primeira faixa, donde resulta a razão de masculinidade de 66,7. O mesmo indicador mostra-se mais equilibrado no segundo estrato (110,4 homens para cada grupo de 100 cativas) e largamente favorável ao elemento masculino nos grandes plantéis: 135,3. Como veremos adiante, em tal distribuição – associada a outras características demo-econômicas do sistema escravista brasileiro – encontraremos a base explicativa para o entendimento dos valores assumidos por algumas variáveis demográficas.

TABELA 3

DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS E SEXO

FTP	Homens	Mulheres	Total (H+M)	Razão de Masculinidade
1	16	24	40	66,7
2-9	202	183	385	110,4
10-41	280	207	487	135,3
TOTAIS	498	414	912	120,3

Postos estes esclarecimentos preliminares detenhamo-nos nos dados inscritos na tabela 4. Deles depreende-se, de pronto, o significativo peso relativo de casados ou viúvos sobre o total de cativos, porquanto pouco mais de um quinto deles (20,7%) vivia uma das duas condições conjugais apontadas. O conjunto integrado pelos filhos legítimos solteiros – que coabitavam junto a seus pais e/ou mães – representava pouco menos do que a quinta parte da população escrava (exatamente 18,1%). Isto significa que mais de um terço dos cativos (38,8%) compunha-se de pais e filhos em vivência conjunta e sob as condições do matrimônio e da legitimidade.

TABELA 4

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ESCRAVA, SEGUNDO ALGUNS ATRIBUTOS CONCERNENTES AO ESTADO CONJUGAL

Atributos	Nº Absolutos	Porcentagens	Porcentagens Acumuladas
casados	177	19,4	
viúvos	12	1,3	20,7
filhos legít.	165	18,1	38,8
mães solteiras	48	5,3	
filhos naturais	81	8,9	53,0
demais solteiros	429	47,0	100,0
TOTAIS	912	100,0	

Computando-se as mães solteiras e seus filhos (5,3% e 8,9% respectivamente) verifica-se que mais da metade (53%) da massa escrava compreendia pais, mães e filhos coabitantes; observe-se, correlatamente, o alto percentual de filhos (legítimos ou naturais) a viverem com pelo menos um de seus pais: 27,0%. Estes valores falam por si e definem um quadro até há pouco ignorado da escravidão no Brasil.

Atenhamo-nos à participação de casados e viúvos no conjunto da população cativa. Tomemo-los sob três ângulos. Primeiramente, observemos seu peso relativo em face dos solteiros. Verifica-se, pela tabela 5 que – excluídas as crianças com catorze ou menos anos de idade – mais de um quarto dos homens (28,3%) figuravam como casados ou viúvos; já para as mulheres o valor correlato alçava-se a dois quintos

TABELA 5

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS ESCRAVOS, SEGUNDO ESTADO CONJUGAL E SEXO

Estado Conjugual	População Escrava			Exclusive Crianças ^(a)		
	H	M	H+M	H	M	H+M
Solteiros	81,3	76,8	79,3	71,7	59,3	66,6
Casados	17,5	21,7	19,4	26,5	38,1	31,3
Viúvos	1,2	1,5	1,3	1,8	2,6	2,1
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Nota: (a) Sempre que nos referimos à exclusão de crianças estaremos aludindo àquelas com 14 ou menos anos de idade.

(40,7%); destarte, um terço (33,4%) das pessoas com quinze ou mais anos compunha-se de casados ou viúvos⁽⁵⁾.

Vejam, num segundo passo, como qualificar as relações apontadas; para tanto considere-se o gráfico 1, mediante o qual visualiza-se a participação de casados ou viúvos segundo faixas etárias, tomados em conta os efetivos totais de cada uma das mesmas. Duas inferências colocam-se de imediato: a significativa participação dos casados ou viúvos a contar da faixa concernente aos 20-29 anos e os amplos e variáveis diferenciais existentes entre os sexos. Assim, já para a aludida faixa, o peso relativo das casadas ou viúvas supera o nível de 40%, situando-se, com exceção do intervalo 70-79 anos, acima do patamar de 50% quando consideradas as mulheres com quarenta ou mais anos de idade; para o elemento masculino, só a partir da faixa que compreende o intervalo 40-49 anos, a participação alcança nível superior aos 40%. Levando em consideração que as duas últimas faixas apresentam reduzido número de observações – fato este ao qual se pode atribuir a ocorrência de percentuais muito elevados ou baixos –, deve-se ter presente dois fatores explicativos dos diferenciais acima referidos. Por um lado, os homens casavam-se com idades superiores *vis-à-vis* às das mulheres que passavam pela mesma experiência⁽⁶⁾; por outro, a taxa de masculinidade era sistematicamente superior a 50% caso contempladas as faixas etárias compreendidas entre os 10 e os 69 anos (Cf. gráfico 1).

O último ângulo dos três avançados acima prende-se à presença de casados ou viúvos segundo faixas de tamanho dos plantéis. Interessa-nos, aqui, observar a maior ou menor incidência de uniões matrimoniais em função do número de integrantes dos grupos de escravos possuídos pelos 162 escravistas referidos na abertura deste trabalho. Uma primeira aproximação do problema em foco obtém-se mediante a distribuição de casados ou viúvos segundo faixas de tamanho dos plantéis. A fim de se poder avaliar a concentração de casados ou viúvos nos plantéis maiores também indicamos, na tabela 6, a distribuição dos escravos em geral e das mães solteiras de acordo com três faixas de tamanho.

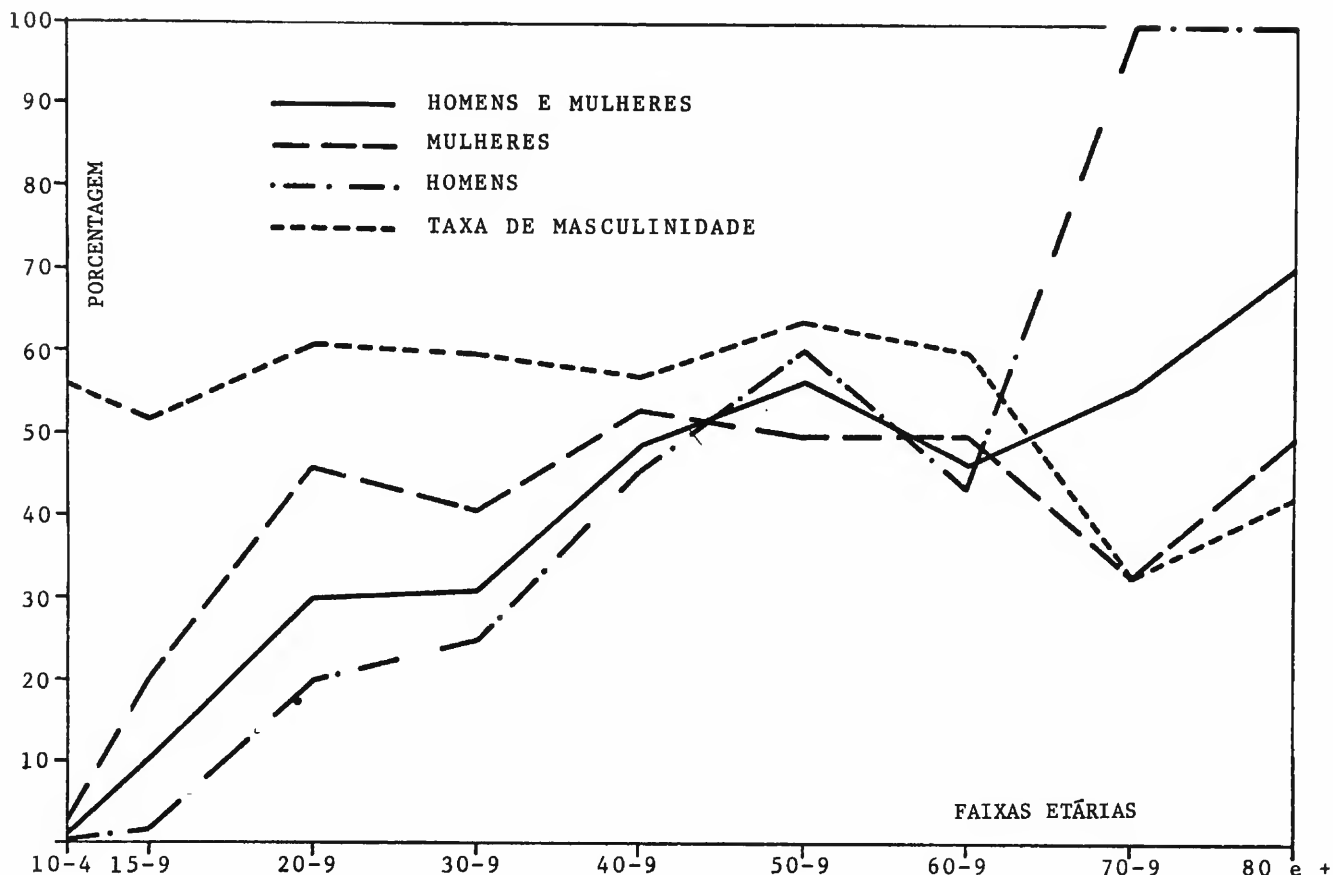
O confronto dos valores inscritos nas cinco primeiras colunas permite-nos afirmar que, tanto para homens, como para o elemento do sexo oposto, a distribuição dos casados ou viúvos discrepava da prevalecente para a massa escrava tomada em sua totalidade ou depurada das crianças com quatorze ou menos anos. Assim, na primeira faixa encontravam-se apenas 13,2% das pessoas que haviam casado, contra pouco menos de um quarto da população escrava em geral; a faixa intermediária mostrava-se equilibrada e na superior rompia-se tal harmonia, agora favoravelmente aos casados ou viúvos, uma vez que 63,5% dos mesmos integravam plantéis com 10 ou mais cativos nos quais congregava-se pouco mais da metade da população escrava em geral. Nota-se, ademais, que tal participação crescente de casados ou viúvos não era acompanhada pela distribuição das mães solteiras, as quais compa-

(5) No correr deste trabalho discutiremos os diferenciais observados entre homens e mulheres; interessa-nos, por ora, ressaltar a expressiva parcela da escravaria que conheceu a vida conjugal.

(6) A diferença média entre as idades dos cônjuges computados neste estudo alçou-se a 8,5 anos.

GRÁFICO 1

PORCENTUAIS DE CASADOS OU VIÚVOS,
SEGUNDO SEXO E FAIXAS ETÁRIAS



Nota: Os percentuais foram calculados sobre os respectivos efetivos de cada faixa etária.

TABELA 6

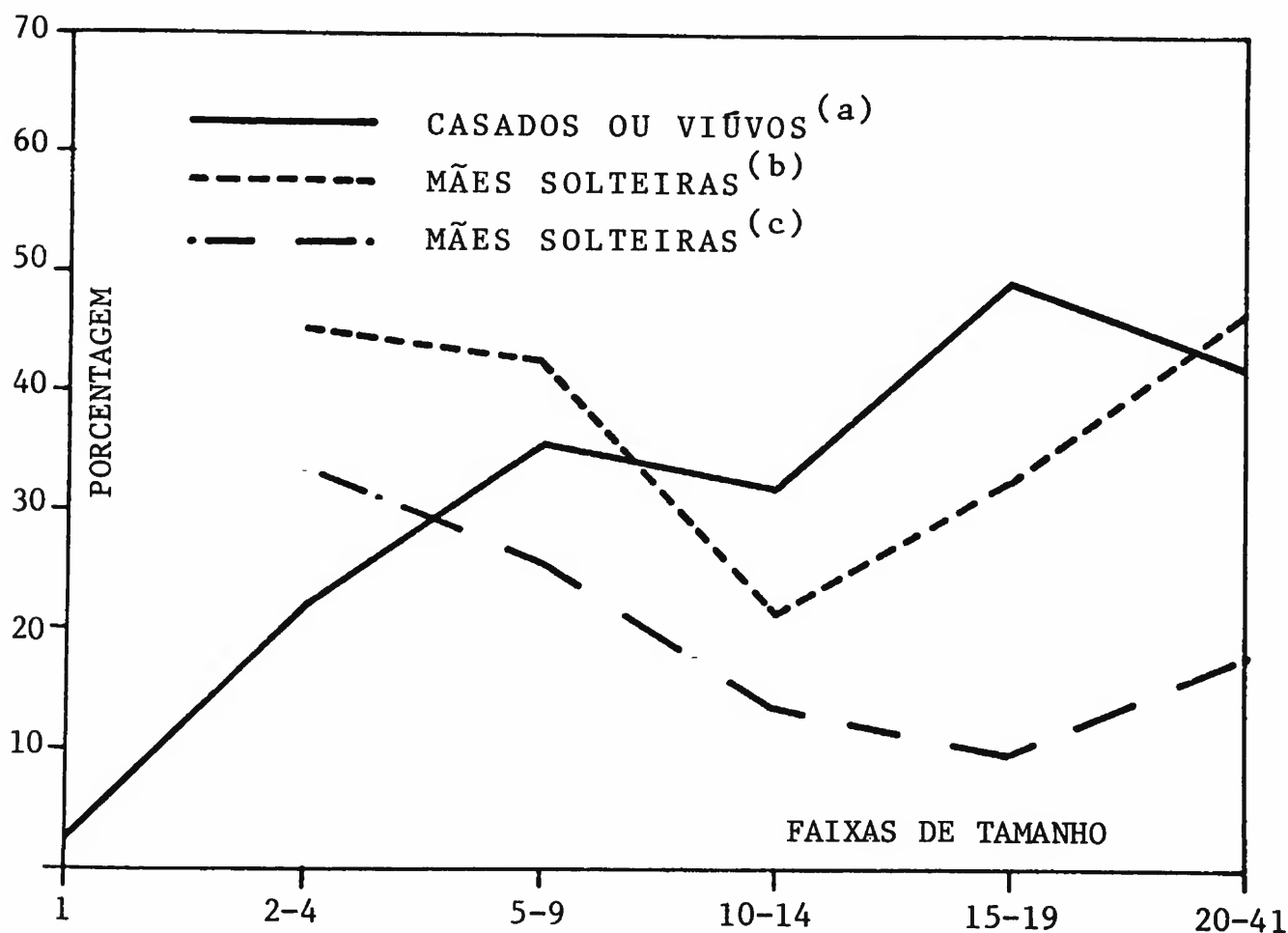
DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DOS ESCRAVOS EM GERAL, DE
CASADOS OU VIÚVOS E DE MÃES SOLTEIRAS,
SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Escravos em Geral		Casados ou Viúvos			Mães
	Total	Exc.Crian.	H	M	H+M	Solteiras
1 - 4	23,4	24,6	14,0	12,5	13,2	31,2
5 - 9	23,2	21,9	22,6	24,0	23,3	31,2
10 - 41	53,4	53,5	63,4	63,5	63,5	37,6
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

reciam com pesos relativos muito próximos nas três faixas de tamanho. Ainda mais, pode-se afirmar que a presença de mulheres solteiras com filhos – excluída, para as mesmas, a muito especial primeira faixa – era relativamente elevada nas faixas de tamanho extremas, e significativamente inferior nas intermediárias, enquanto para casados ou viúvos observava-se relação sistematicamente crescente, pois os mesmos correlacionavam-se positivamente com o aumento numérico de integrantes dos grupos escravos (Cf. gráfico 2).

GRÁFICO 2

PORCENTUAIS DE CASADOS OU VIÚVOS E MÃES SOLTEIRAS,
SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(EXCLUÍDAS CRIANÇAS COM 14 OU MENOS ANOS)



- Notas: (a) Porcentuais calculados sobre os respectivos efetivos totais de cada faixa de tamanho (excluídas crianças)
 (b) Porcentuais calculados sobre os respectivos efetivos de mulheres solteiras de cada faixa de tamanho (excluídas crianças).
 (c) Porcentuais calculados sobre os respectivos efetivos de mulheres de cada faixa de tamanho (excluídas crianças)

FAMÍLIA ESCRAVA EM LORENA

Esta última correlação, fica ainda mais fortemente vincada quando se tomam em conta os percentuais de casados ou viúvos calculados sobre os efetivos correspondentes a cada faixa de tamanho dos plantéis; assim, excluindo-se as crianças, 18,0% dos integrantes da primeira faixa de tamanho correspondiam a pessoas casadas ou viúvas, o percentual alçava-se a 35,5% na segunda faixa e a pouco menos de dois quintos (39,7%) na última, vale dizer: quanto maior o grupo, maior a participação de elementos que chegavam a se casar (Cf. tabela 7).

TABELA 7

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DE CASADOS OU VIÚVOS SOBRE OS EFETIVOS DE CADA FAIXA DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

FTP	% de Casados ou Viúvos sobre os Efetivos Totais de Cada Faixa			% de Casados ou Viúvos sobre os Efetivos Deputados das Crianças		
	H	M	H+M	H	M	H+M
1-4	11,5	12,0	11,7	16,5	20,0	18,0
5-9	20,0	21,5	20,8	31,8	39,7	35,5
10-41	21,1	29,5	24,6	32,1	51,7	39,7
TOTAIS	18,7	23,2	20,7	28,3	40,7	33,5

O gráfico 3 possibilita uma visão mais desagregada do que a propiciada pela tabela 7. Dele decorre, palmaramente, o significativo peso relativo de casados ou viúvos nos plantéis com mais de 5 cativos; evidencia-se, ademais, a estreita relação entre a taxa de masculinidade e os níveis de mulheres casadas ou viúvas.

Duas evidências maiores ressaltam destes dois últimos passos: a crescente participação de casados ou viúvos segundo avançam as idades e conforme aumenta o tamanho dos plantéis. A conjugação destas inferências é explicitada nos três gráficos subseqüentes, em cada um dos quais apresentamos o peso relativo de casados ou viúvos segundo faixas etárias e para três faixas de tamanho dos plantéis. No gráfico 4 encontram-se as curvas referentes a ambos os sexos. Como se observa as curvas dispõem-se nitidamente em três níveis: a inferior correspondendo aos plantéis menores e a superior aos de maior tamanho, situando-se em posição intermediária à concernente a grupos de escravos nos quais reuniam-se de 5 a 14 cativos.

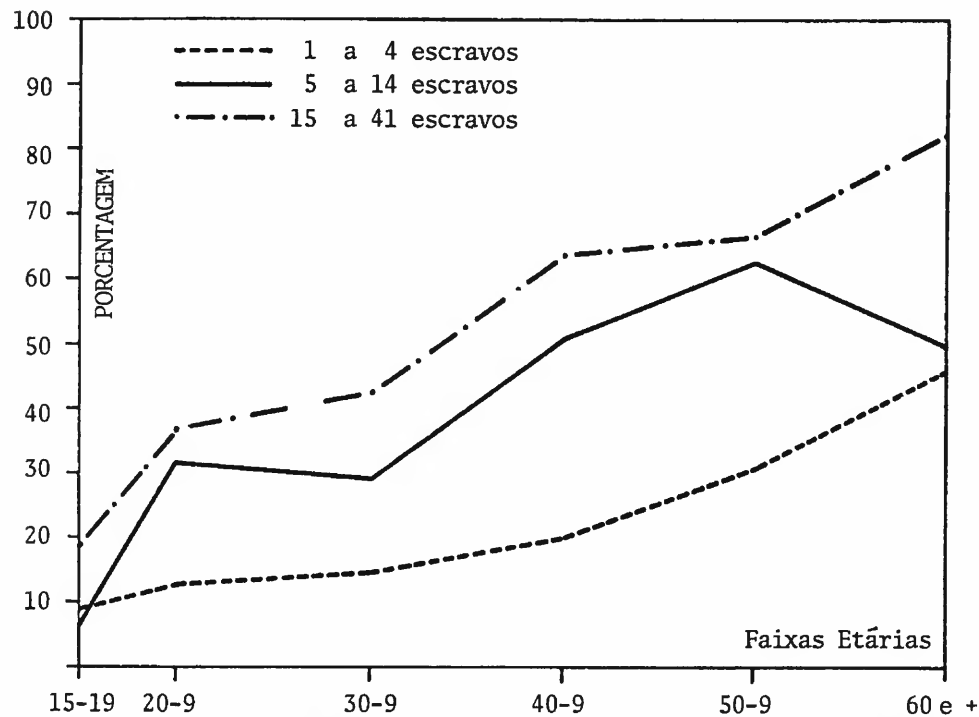
Comportamento similar dá-se com respeito às participações de casados ou viúvos quando tomados apenas os elementos do sexo masculino (Cf. gráfico 5).

Também para as mulheres (Cf. gráfico 6) revela-se disposição semelhante, embora de maneira não tão sistemática como a observada para o sexo oposto.

Deve-se notar, por fim, a baixa incidência de casamentos entre elementos não pertencentes ao mesmo escravista; vale dizer, raros eram os casos de uniões entre

GRÁFICO 3

PORCENTUAIS DE CASADOS OU VIÚVOS, SEGUNDO O SEXO E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS (EXCLUÍDAS AS CRIANÇAS COM 14 OU MENOS ANOS)



Nota: Os percentuais foram calculados sobre os respectivos efetivos de cada faixa de tamanho.

GRÁFICO 4

PORCENTUAIS DE CASADOS OU VIÚVOS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E TAMANHO DOS PLANTÉIS

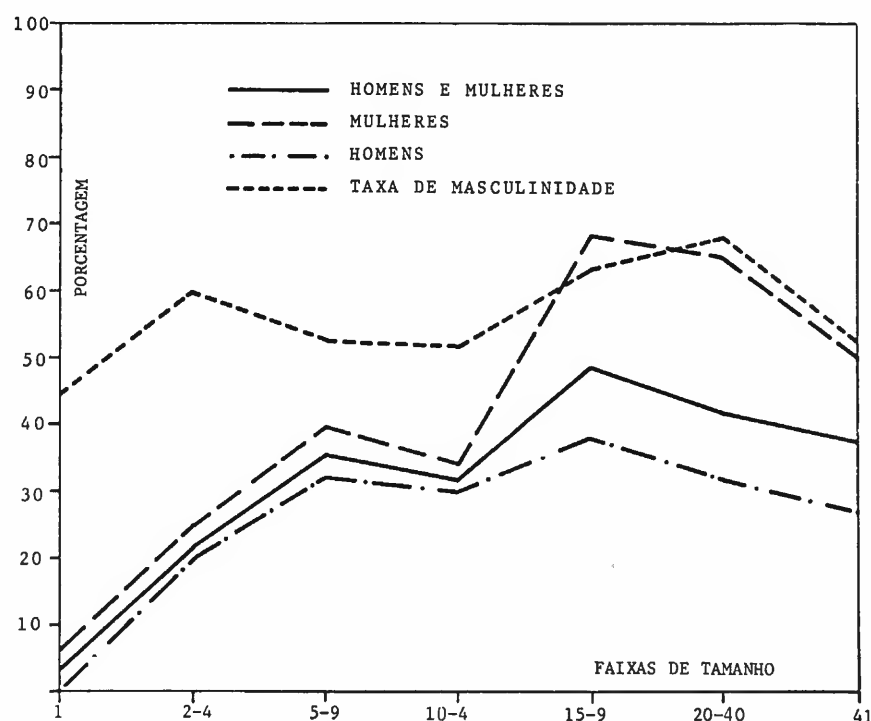


GRÁFICO 5

**PORCENTUAIS DE HOMENS CASADOS OU VIÚVOS,
SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E TAMANHO DOS PLANTÉIS**

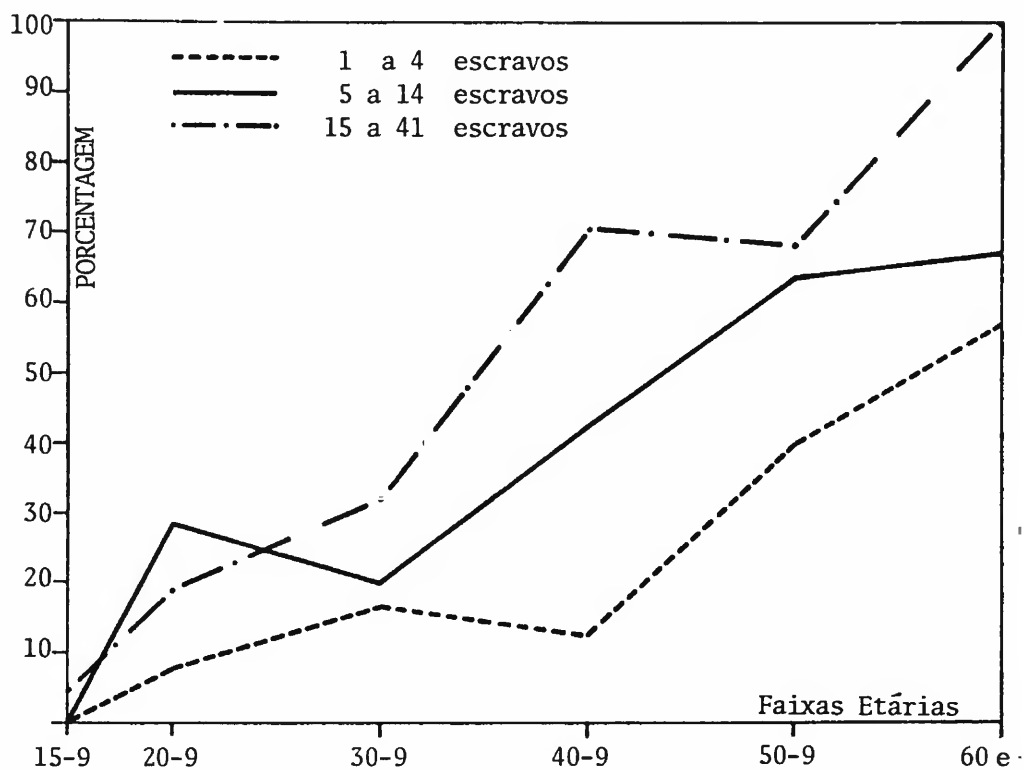
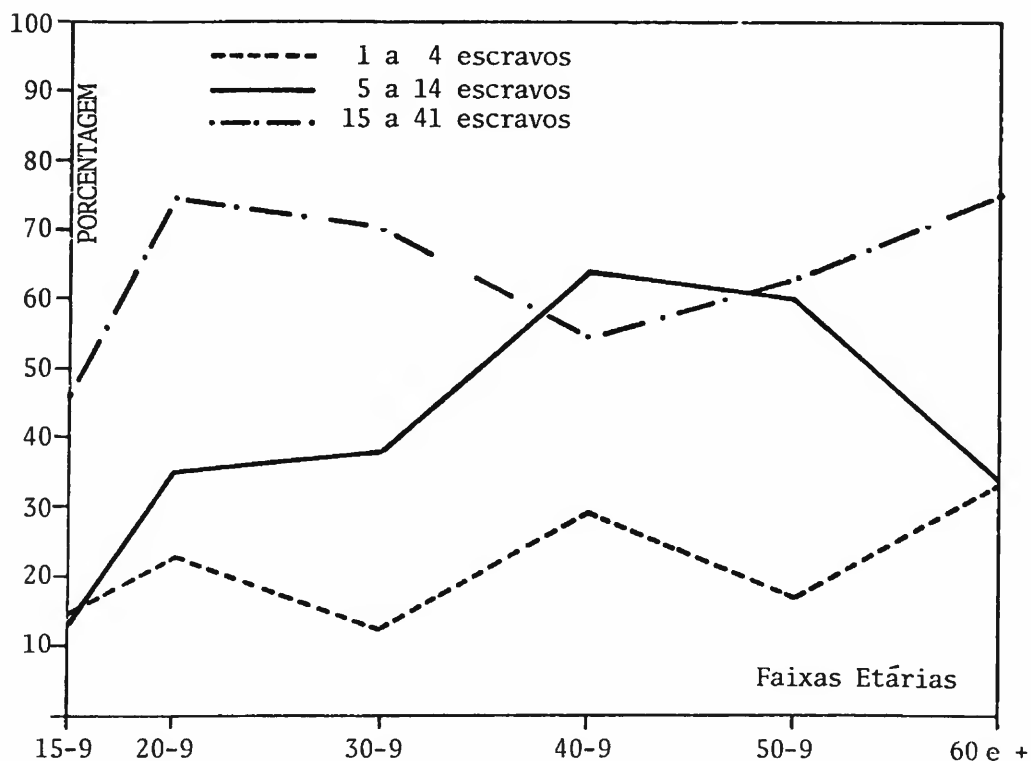


GRÁFICO 6

**PORCENTUAIS DE MULHERES CASADAS OU VIÚVAS,
SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E TAMANHO DOS PLANTÉIS**



peças de plantéis distintos. Nos códices em que se baseia este artigo não encontramos referência explícita a tal evento; o limite superior do mesmo pode ser fixado, hipoteticamente, abaixo de 10,3%, pois esse foi o peso relativo encontrado para casais incompletos (ou seja, presente uma pessoa casada cujo cônjuge restou indeterminado ou não estava presente). Como veremos adiante, também pouco frequentes foram os enlaces entre escravos e livres: 7,2% ao todo⁽⁷⁾.

Com estas observações fechamos este tópico, no qual mostramos, à saciedade, a expressiva presença das relações conjugais com respeito à massa de cativos. Indicamos, ademais, alguns dos condicionantes que favoreciam as uniões matrimoniais, assim como identificamos as principais causas explicativas dos diferenciais observados entre os pesos relativos de homens e mulheres casados ou viúvos.

Comprovada, pois, a existência da família escrava, passemos a considerá-la mais pormenorizadamente.

2. A Família Escrava: Características Estruturais Básicas

Impõem-se, antes do mais, algumas definições e esclarecimentos preliminares, pois estamos a tratar de tema ainda pouco explorado. Justamente por isto não partimos, para a qualificação das famílias escravas, de quadro classificatório elaborado teoricamente e *a priori*; vergamo-nos, no caso, às evidências empíricas e a partir delas estabelecemos categorias descritivas. Evidentemente, efetuamos tal grupamento a partir de característica comum, a qual obedece à definição de família adotada, qual seja: entendemos por **Família** o casal (unido ou não perante a Igreja), presentes ou não ambos os cônjuges, com seus filhos, caso houvessem; os solteiros (homens ou mulheres) com filhos e os viúvos ou viúvas com filhos. Em qualquer dos casos os filhos deveriam ser solteiros, sem prole e coabitar junto aos pais. Os viúvos (as) isolados, bem como o solteiro(a) a viver junto a filho(s) com prole, não constituem família, e enquadram-se no grupo denominado “pseudo famílias” dividido em três subcategorias: uma relativa aos viúvos isolados (vale dizer que não constituíam família), outras referentes às pessoas em vivência com filho(s) e respectiva(s) prole(s). Entende-se, ademais, por **Chefe de Família**, o “cabeça do casal” (homem ou mulher presente).

(7) Estes dois últimos percentuais foram tomados sobre o total de casais, que igualou 97:80 com ambos os cônjuges escravos e presentes, 7 compostos por livres e escravos (presente ou não o cônjuge livre), e 10 para os quais constava o cônjuge cativo, enquanto o outro encontrava-se ausente ou não pôde ser identificado. Como é óbvio, para o caso de uniões de cativos de plantéis distintos deve-se tomar a porcentagem decorrente da operação $10/97 \cdot 100$, que iguala 10,3 – que se define como limite superior da ocorrência em tela, dada a impossibilidade de se identificar o eventual proprietário e a condição social (escravo, forro ou livre) de um dos parceiros. Já para os enlaces entre livres e cativos, tomamos o percentual resultante da relação $7/97 \cdot 100$, o qual iguala 7,2. Note-se que, em ambos os casos, não consideramos os viúvos e as mães solteiras, pois centramos o raciocínio nos casais. Em Santana do Parnaíba (SP), para o período 1720-1820, registraram-se 504 casamentos de cativos dos quais 64 (12,7%) reuniram escravos integrantes de plantéis distintos (Cf. METCALF, 1983, p. 181).

FAMÍLIA ESCRAVA EM LORENA

Colocadas tais definições e em face dos casos defrontados nos levantamentos embaixadores deste trabalho chegamos ao quadro categórico abaixo discriminado.

QUADRO 1

FAMÍLIAS ESCRAVAS DE LORENA (1801): POR CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

Categoria	Subcategoria
1. Casais endogâmicos ^(a)	a. com filhos b. sem filhos
2. Casais exogâmicos ^(b)	a. com filhos b. sem filhos
3. Casais exogâmicos incompletos	a. com filhos b. sem filhos
4. Casais incompletos ^(c)	a. com filhos b. sem filhos
5. Solteiras com filhos	
6. Viúvos com filhos	
7. Pseudofamílias	a. viúvos que não constituíam família b. viúvos em vivência com filho(s) que constituíam família c. solteiros em vivência com filho(s) que constituíam família

Notas: (a) entende-se por casal endogâmico aquele no qual os cônjuges eram escravos;

(b) entende-se por casal exogâmico aquele no qual comparecia um cônjuge escravo, enquanto o outro poderia pertencer a um dos dois outros estratos sociais existentes no período escravista: forros e livres;

(c) o qualitativo "incompleto" denota a impossibilidade de identificação, em termos de presença ou não e de estrato social, de um dos cônjuges.

A partir deste quadro de referência construímos a tabela 8, na qual, além dos números absolutos indicamos os respectivos percentuais, bem como os quantitativos concernentes às pessoas integrantes das várias categorias e os respectivos pesos relativos. Note-se também que, doravante e quando for pertinente, apresentaremos os dados, de sorte a distinguir os casados dos solteiros com filhos; tenha-se ainda presente que, salvo menção contrária, computamos tão-somente os escravos, só efetuando o cômputo dos livres ou forros vinculados por laços familiares aos cativos, para casos particulares, sempre acompanhados da devida ressalva.

TABELA 8

DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS ESCRAVAS
SEGUNDO CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS

Categorias e Subcategorias	Números Absolutos	%	% por Categoria	Pessoas Integrantes das Catg. e Subcatg.		
				NºAbs.	%	% por Catg.
1. Casais endogâmicos			50,9			
a. com filhos	49	31,2		232	48,0	60,8
b. sem filhos	31	19,7		62	12,8	
2. Casais exogâmicos			3,2			
a. com filhos	5	3,2		18	3,7	3,7
3. Casais exog. incomp.			1,3			
a. com filhos	2	1,3		6	1,3	1,3
4. Casais incompletos			6,4			
a. com filhos	2	1,3		6	1,3	
b. sem filhos	8	5,1		8	1,7	
5. Solteiras com filhos	47	29,9	29,9	128	26,5	26,5
6. Viúvos com filhos	4	2,6	2,6	14	2,8	2,8
7. Pseudofamílias			5,7			
a. viúvos isolados	8	5,1		8	1,7	1,9
c. solteiros em vivência ..	1	0,6		1	0,2	
TOTAIS	157	100,0	100,0	483	100,0	100,0

Não nos ocuparemos aqui dos valores correspondentes às pessoas integrantes dos distintos grupos, pois já o fizemos na abertura deste estudo⁽⁸⁾. Centrar-nos-emos na análise das famílias propriamente ditas. Portanto, tais considerações servirão, concomitantemente, como complementação de nossas ponderações iniciais e como introdução ao estudo mais detalhado da família escrava em Lorena.

Verifica-se, de pronto, a dominância das famílias “regularmente” constituídas, vale dizer, cujos componentes apareciam como “casados” ou “viúvos”, e muito provavelmente o eram perante a Igreja. Assim, o peso relativo das famílias “irregulares” – ou seja, cujos cabeça de casal eram mães solteiras – restringia-se a 30,5% (29,9 + 0,6) do número total de grupos familiares.

Outro fato a merecer realce diz respeito ao modesto percentual das famílias “incompletas” (as que se distinguiam pela ausência de um dos cônjuges): 7,7% (6,4% + 1,3). As exogâmicas, por seu turno, embora estivessem presentes com percentual dos mais baixos – 4,5% (3,2 + 1,3) –, atestam a não existência de barreiras absolutas entre os segmentos sócio-econômicos vigentes em nossa sociedade colonial⁽⁹⁾.

(8) Importa ressaltar aqui, tão-somente, que ao tratarmos da família escrava estamos a contemplar a maior parte da escravaria, pois, como avançado, as pessoas vinculadas por laços familiares representavam 53,0% da massa escrava em foco.

(9) Note-se que estes últimos percentuais foram tomados sobre o número total de famílias (incluindo-se, portanto, mães solteiras e viúvos) e não sobre o número de casais, como o fizemos no encerramento do item anterior (Cf. nota 7).

FAMÍLIA ESCRAVA EM LORENA

A supremacia numérica dos casais endogâmicos com ou sem filhos – 50,9% –, por seu lado, reforça a tese de que não havia dominância do intercuro sexual indiscriminado entre as pessoas reduzidas ao cativeiro. Outra ilação daí decorrente diz respeito ao fato de não se verificar em termos significativos, no Brasil, o consórcio entre escravos pertencentes a proprietários distintos; a isto já fizemos alusão no tópico anterior ao vertente.

Como seria de se esperar, a distribuição das famílias, segundo o tamanho dos plantéis, não se revela harmônica. Em termos globais, como fartamente repisamos, a concentração dava-se nos plantéis com maior número de cativos, enquanto o valor menor correspondia aos plantéis de pequeno porte. Não obstante, é interessante notar que, ao nível desagregado, tal concentração não ocorria para todos os casos. Já discorreremos sobre a distribuição de mães solteiras. Interessa-nos, agora, chamar a atenção para os casos de casais exogâmicos e incompletos. Para os exogâmicos, encontramos porcentual mais elevado na segunda faixa de tamanho (42,8%) e pesos relativos idênticos na primeira e na última faixas; este comportamento pode ser atribuído à já citada maior freqüência de enlaces nos grandes plantéis, nos quais via-se facilitado o encontro de parceiros. A alta porcentagem de casais incompletos na faixa superior de tamanho (80%), por seu turno, certamente decorria da maior mobilidade que os senhores de mais posses impunham à sua escravaria como con-

TABELA 9

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DAS FAMÍLIAS ESCRAVAS SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

FTP	Casais Endog.	Casais Exog	Casais Incomp.	Solteiras c/Filhos	Viúvos c/Filhos + Pseudofam.	Total
1-4	12,5	28,6	10,0	31,9	7,7	18,5
5-9	23,7	42,8	10,0	29,8	23,1	25,5
10-41	63,8	28,6	80,0	38,3	69,2	56,0
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Como consignado na nota 7, caso considerássemos tão-somente os casais, o porcentual 4,5 alçar-se-ia a 7,2. Contra o argumento de que a alforria de um dos cônjuges poderia dar-se após o matrimônio, eventualidade que, por si só, justificaria a presença de elementos forros casados com escravos, basta lembrar que, dos casamentos realizados na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias (Vila Rica), durante o período 1727-1826, e nos quais estava presente pelo menos um cônjuge cativo, 25% deram-se entre escravos e forros. (Cf. COSTA, 1979, p. 34 e seguintes). Para Santana do Parnaíba o porcentual correlato mostrou-se um pouco inferior: 20,4% – 103 sobre 504 consórcios. (Cf. METCALF, 1983, p. 183). Frise-se, ainda no âmbito desta nota, não estamos, obviamente, a negar a plausibilidade do argumento nem a ocorrência efetiva dos casos nele previstos, negamos, sim, que todos os enlaces entre forros e escravos, observados em dado momento do tempo, devam necessariamente ter resultado da alforria – superveniente ao casamento – de um dos cônjuges.

seqüência de uma atividade econômica diversificada e/ou de maior porte *vis-à-vis* os pequenos escravistas.

Impõe-se, agora, a análise das famílias segundo as faixas etárias dos chefes das mesmas. Como adiantado, agrupá-los-emos na conformidade das situações de casados ou viúvos e de solteiras com filhos (Cf. tabela 10). É notória a disparidade entre estes dois segmentos: dominam nas faixas etárias inferiores as mães solteiras e, nas superiores, os casados ou viúvos. Para mais de três quartos (76,6%) das primei-

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA E O ESTADO CONJUGAL DE SEUS CHEFES

Faixas Etárias dos Chefes de Família(C.F.)	C.F.Casados ou Viúvos		C.F.Solteiras com Filhos		Total	
	NºAbs.	%	NºAbs.	%	NºAbs.	%
Menor de 25 anos	13	11,9	17	36,2	30	19,2
24-34	23	21,1	19	40,4	42	26,9
35-44	21	19,3	9	19,2	30	19,2
45-54	34	31,2	1	2,1	35	22,5
55-64	8	7,3			8	5,1
65 ou mais	10	9,2	1	2,1	11	7,1
TOTAIS	109	100,0	47 ^(a)	100,0	156	100,0

Nota: (a) Excluiu-se u'a mãe solteira a viver junto à filha, igualmente solteira com prole.

ras encontramos idade igual ou inferior a 34 anos; já para os últimos o percentual correlato alcançava apenas 33%, a faixa 45-54 anos definia-se como modal e aproximadamente metade dos mesmos (47,7%) contava 45 ou mais anos: Tais divergências decorrem, quase integralmente, do fato de encontrarmos, entre os chefes de família casados ou viúvos, maioria esmagadora de homens, os quais, como salientado, apresentavam em geral, idades bem superiores às das suas mulheres e, em particular, às das solteiras com filhos. Como teremos oportunidade de verificar adiante, o confronto entre as mulheres casadas com prole e as solteiras com filhos indicará que ambos os grupos apresentavam discrepâncias mínimas no respeitante à distribuição etária.

Outras informações relevantes para o conhecimento da estrutura familiar são explicitadas nas tabelas 11 a 13; na tabela 11 apresentamos, para o conjunto das famílias e segundo a faixa etária de seus chefes, o número proporcional de famílias sem prole ou com filhos vivos solteiros em vivência com pelo menos um de seus progenitores; note-se que computamos todos os filhos solteiros sobreviventes e sem prole independentemente de suas idades; também consideramos as famílias que ainda não tinham ou já não contavam com filhos presentes. Nas tabelas 12 e 13 operamos de forma idêntica, subdividindo, porém, o aludido conjunto em dois gru-

FAMÍLIA ESCRAVA EM LORENA

pos complementares: um referente a chefes de família casados ou viúvos, outro respeitante às mães solteiras.

Teoricamente, poder-se-ia esperar que a coluna relativa às famílias sem filhos apresentasse um ponto de mínimo intermediário; tal movimento poderia ser explica-

TABELA 11

NÚMERO PROPORCIONAL DE FAMÍLIAS COM E SEM FILHOS,
SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO CHEFE DE FAMÍLIA E O NÚMERO
DE FILHOS VIVOS EM VIVÊNCIA COM OS MESMOS
(inclusive mães solteiras e respectivos filhos)

Faixas Etárias dos Chefes de Família (C.F.)	Número de Filhos em Vivência com os C.F.									Total
	0	1	2	3	4	5	6	7		
Menor de 25 anos	267	500	133	67	33	-				1000
25-34	119	309	286	167	71	48				1000
35-44	167	367	100	233		67	33	33		1000
45-54	457	57	229	171	-		29	57		1000
55-64	500	125	250		125			-		1000
65 ou mais	834	-			83	83		-		1000

Nota: Vide observações constantes da tabelas 12 e 13.

TABELA 12

NÚMERO PROPORCIONAL DE FAMÍLIAS COM E SEM FILHOS,
SEGUNDO A FAIXA ETÁRIA DO CHEFE DE FAMÍLIA E O NÚMERO
DE FILHOS VIVOS EM VIVÊNCIA COM OS MESMOS
(exclusive mães solteiras e respectivos filhos)

Faixas Etárias dos Chefes de Família (C.F.)	Número de Filhos Vivos em Vivência com os C.F.									Total
	0	1	2	3	4	5	6	7		
Menor de 25 anos	615	77	231		77 ^(a)			-		1000
25-34	217	217	261	174	44	87		-		1000
35-44	238	190	143	286 ^(b)		95		48		1000
45-54	471	59	206 ^(c)	176 ^(d)	-		29	59		1000
55-64	500	125	250	-	125			-		1000
65 ou mais	900			-	-	100				1000

Notas: (a) inclusive um c.f. forro, casado com escrava, cujos filhos eram escravos;

(b) inclusive dois c.f. forros, casados com escravas, cujos filhos eram escravos

(c) inclusive um c.f. escravo, casado com forra, cujos filhos eram forros;

(d) inclusive um c.f. escravo, casado com forra, cujos filhos foram anotados como escravos.

TABELA 13

NÚMERO PROPORCIONAL DE FAMÍLIAS DE MÃES SOLTEIRAS
SEGUNDO SUA FAIXA ETÁRIA E O NÚMERO DE FILHOS VIVOS SEM PROLE
EM VIVÊNCIA COM AS MESMAS

Faixa Etária das Mães Solteiras (M.S.)	Número de Filhos Vivos em Vivência com as M.S.							Total
	0	1	2	3	4	5	6	
Menos de 25 anos		823	59	118				1000
25-34		421	316	158	105			1000
35-44		778	-	111	-		111	1000
45-54			1000	-	-			1000
55-64			-	-	-			1000
65 ou mais	500 ^(a)		-	-	500			1000

Nota: (a) trata-se de uma senhora solteira em vivência com sua filha, também mãe solteira.

do, de um lado, porque grande parcela de pais jovens ainda não contaria sequer com um filho e, por outro, porque os progenitores mais idosos já não teriam, junto a si, filhos solteiros; tal mínimo esperado situar-se-ia na faixa etária correspondente aos pais que já contariam com um ou mais filhos. Conforme se observa do exame das tabelas em questão, tal expectativa só não se confirmou para o caso das famílias de mães solteiras⁽¹⁰⁾. Ademais, para casados ou viúvos, o aludido ponto de mínimo situou-se na faixa dos 25 aos 34 anos, fato decorrente de casamentos celebrados em idades relativamente baixas.

Com referência às famílias com um ou mais filhos a expectativa hipotética prevê, para as colunas pertinentes, a ocorrência de pontos de máximo situados nas faixas etárias intermediárias. Em termos efetivos esta previsão teórica só se verificou integralmente para casados ou viúvos (Cf. tabela 12); para o total das famílias (tabela 11) e para as de mães solteiras (tabela 13) a previsão só não se observou para a segunda coluna (um filho solteiro, sem prole, presente); isto se deve à substantiva quantidade de mães solteiras que, ainda jovens, já haviam concebido um ou mais filhos. Estas características estruturais, aliadas ao ponderável número de famílias nas quais encontravam-se presentes 3 ou mais filhos (Cf. tabela 14), parecem-nos indicadores sólidos da estabilidade das famílias escravas, as quais defrontavam-se com não poucos óbices à sua continuidade regular.

Lembre-se, a respeito destes obstáculos, os advindos da dependência estrita a que estavam sujeitos os escravos com relação ao ciclo de vida⁽¹¹⁾ e às vicissitudes

(10) O próprio conceito "mãe solteira" explica porque para as mesmas não é justificável a expectativa teórica aplicável a casados ou viúvos. Na população escrava em estudo verificamos apenas um caso de mãe solteira "isolada"; tratou-se de uma senhora com 70 anos em vivência com uma filha de 38, a qual, também solteira, era mãe de uma criança com 6 anos.

(11) Sobre as relações entre o número de escravos possuídos e a faixa etária de seus senhores veja-se COSTA (1983, p. 121-127).

TABELA 14

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DAS FAMÍLIAS COM UM OU MAIS FILHOS SOBREVIVENTES PRESENTES

Chefes de Família	Nº de Filhos			Total
	1	2	3 ou mais	
casados ou viúvos	21,0	33,9	45,1	100,0
mães solteiras	61,7	17,0	21,3	100,0
TOTAIS	38,5	26,6	34,9	100,0

econômicas de seus senhores, cuja "má sorte" poderia significar a venda parcial ou total de seu plantel. Adicionalmente, as partilhas feitas em vida, assim como a morte de seus proprietários, também se definiam como fatores perturbadores da referida estabilidade. A título ilustrativo observe-se que, dos escravos vendidos em 1801 pelos proprietários aqui estudados, 63,3% das vendas foram efetuadas por viúvas. Além disto, somando-se os escravos transacionados (30 vendas e 28 compras) àqueles doados em vida ou havidos por herança (8), verifica-se que motivos alheios aos movimentos demográficos naturais afetaram 7,2% da massa escrava⁽¹²⁾; no mesmo ano faleceram 17 cativos, ou seja, número 3,9 vezes menor do que o decorrente das causas econômicas acima arroladas.

Tenha-se presente que tais movimentos perturbadores de caráter econômico afetavam, sobretudo, os pequenos e médios plantéis. Assim, dos 66 casos de transações, doações e escravos herdados, 51 (77,3%) referiram-se a plantéis com até 9 cativos; considerando-se que tais escravistas detinham 425 dos 912⁽¹³⁾ cativos, vê-se que os fatores desestabilizadores atuaram diferencialmente, afetando 12,0% da escravaria alocada na faixa de tamanho inferior (1-9 cativos) e apenas 3,1% dos cativos pertencentes aos proprietários de maior porte (10-41 escravos)⁽¹⁴⁾. Esta é mais

(12) Caso atribuíssemos a existência de casais incompletos ao funcionamento do sistema escravista e aos caprichos e/ou determinações econômicas controladas unicamente pelos proprietários de cativos, este percentual elevar-se-ia a 8,6.

(13) Para efeitos comparativos adotamos, sistematicamente, a massa escrava detida pelos distintos grupos à data do levantamento populacional em estudo.

(14) Embora se trate de uma questão afeta a tema paralelo ao do presente artigo, não deixaremos escapar, aqui, a oportunidade de observar que apenas 10,7% das compras e 26,7% das vendas disseram respeito aos proprietários com 10 ou mais cativos. Estas evidências, aliadas a outras que serão reportadas adiante (quando trataremos do peso relativo dos filhos legítimos e naturais sobre os efetivos dos plantéis de distintos tamanhos), apontam na direção de padrões diferenciais de acumulação de escravos, pois, potencialmente, os plantéis de maior porte podiam ser repostos e/ou ampliados a partir do próprio crescimento vegetativo de seus efetivos; já aqueles plantéis menores – os quais ainda não haviam atingido "massa crítica" suficiente – deviam socorrer-se, para manter-se ou ampliar-se, do mercado de compra e venda de escravos. O impacto diferencial do tráfico interno de escravos já foi estudado e demonstrou-se que o mesmo incidia com mais peso nos pequenos plantéis do que nos médios e grandes. (Cf. SLENES, 1976, cap. III). Tenha-se presente, não obstante, que o trabalho ora citado diz respeito a contexto econômico e lapso temporal distintos dos tratados neste estudo.

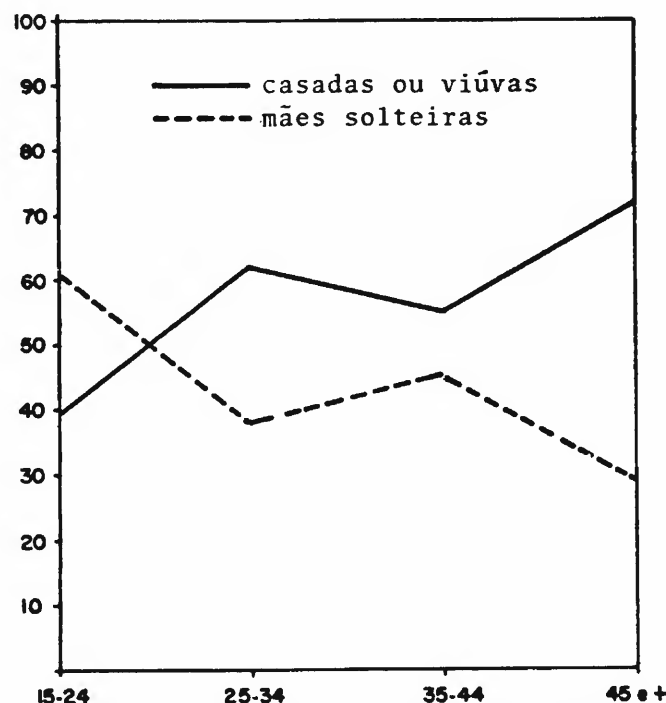
uma evidência de que a estabilidade da família escrava devia ser maior nos grandes plantéis⁽¹⁵⁾, fato este que será um dos temas dominantes do tópico subsequente.

Anote-se, por fim, e ainda com respeito à tabela 14, o grande peso relativo das famílias de mães solteiras com apenas um filho sobrevivente presente (61,7%); esta elevada participação poderia ser interpretada como um indicador de que expressiva parcela das mães solteiras vinha a se casar depois de gerado o primeiro filho.

Outra evidência a apontar nesta direção nos é dada pela distinta participação, segundo faixas etárias, de casadas ou viúvas com filhos presentes e de mães solteiras, ou seja, quando se considera, para cada faixa etária, os percentuais de ambas com relação ao total dos respectivos efetivos. Assim, como se infere do gráfico 7, a participação de casadas ou viúvas com prole presente mostra-se crescente conforme se caminha das faixas etárias inferiores para as superiores – de um peso relativo equivalente a 39,3% para a faixa dos 15 aos 24 anos passa-se a 71,4% para a faixa dos 45 e mais anos de idade. Comportamento inverso ocorre com os percentuais concernentes às mães solteiras, os quais decrescem na conformidade do incremento das idades: de 60,7% para a primeira faixa chega-se a apenas 28,6% para a última. Como avançado, a hipótese é a de que parte das mulheres que havia gerado filhos fora do matrimônio vinha a se casar, daí decorrendo a queda da participação das

GRÁFICO 7

PORCENTUAIS DE CASADAS OU VIÚVAS COM FILHOS PRESENTES E DE MÃES SOLTEIRAS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS



Nota: Os percentuais foram calculados, para cada faixa etária, sobre o respectivo total de mães com filhos presentes.

(15) Outra evidência já apresentada neste estudo concerne à maior incidência de enlances matrimoniais nos grandes plantéis.

mães solteiras e o correlato incremento dos percentuais correspondentes a casadas ou viúvas (Cf. gráfico 7).

3. Sobre a Condição de Legitimidade das Crianças com 14 ou Menos Anos

Antes de passarmos às considerações anunciadas no título deste tópico faz-se necessário esclarecer como chegamos à determinação dos efetivos de filhos legítimos e ilegítimos, pois tal condição não aparece explicitamente declarada nos códigos utilizados.

Consideramos como legítimos todos os solteiros, sem prole, explicitamente arrolados como filhos de pessoas casadas ou viúvas. É possível, portanto, que estejamos a superestimar o número de legítimos, uma vez que poderia haver ilegítimos no seio das proles do grupo de casados ou viúvos.⁽¹⁶⁾

Com respeito aos africanos solteiros e sem prole não cabe a distinção legítimos ou naturais; assim, os mesmos foram computados à parte.

Restam, pois, aqueles solteiros sem prole não vinculados a pais casados ou viúvos ou às mães solteiras. Sobre este grupo, também contando à parte, pouco se pode avançar, pois não é possível distinguir a parcela de legítimos da concernente aos naturais⁽¹⁷⁾. Admitindo-se que a maioria fosse composta por ilegítimos encontraríamos aqui mais uma fonte de subestimação dos filhos naturais. Como anotado acima, computamo-los separadamente, a fim de permitir ao leitor uma visão, a menos enviesada possível, das reais condições em que viviam os escravos de Lorena no começo do século passado. Deve-se acrescentar, por fim, que neste tópico só tomamos as crianças com 14 ou menos anos de idade, procedimento este que, além de universalmente aceito, ameniza, a nosso juízo, a super ou subestimação cujas fontes foram antes salientadas.

Para uma primeira visão de conjunto das crianças que obedecem às restrições aqui adotadas, veja-se a tabela 15, da qual podem ser extraídas duas ilações básicas.

Em primeiro lugar, verifica-se, conforme já enfatizado, o alto peso relativo dos legítimos; assim, mesmo admitindo-se como composto de filhos naturais todo o efetivo de pessoas com filiação desconhecida e excluídos os africanos, restaria ainda mais altamente representada a massa de legítimos (143 sobre 326 o que equivale ao percentual de 43,9%). Portanto, não se pode pôr em dúvida a afirmação de que mais de dois quintos dos nascidos no Brasil compunha-se de legítimos em vivência com seus pais.

(16) Sobre esta questão veja-se SLENES (1987, p. 218-19).

(17) Não se deve esquecer que uma parcela destas crianças deveria ser constituída de órfãos legítimos, ou seja, órfãos cujos pais haviam casado regularmente. Neste grupo de crianças, para as quais não compariavam pais nem mães, poderiam encontrar-se, ainda, legítimos que haviam sido separados de seus pais como decorrência de transações, doações ou partilhas. Este grupo ambíguo define-se, pois, também, como uma fonte de subestimação dos legítimos.

TABELA 15

DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS COM 14 OU MENOS ANOS
SEGUNDO A CONDIÇÃO DE LEGITIMIDADE

Condição de Legitimidade	Números Absolutos			Porcentuais			Razão de Masculinidade
	H	M	H+M	H	M	H+M	
Legítimos	75	68	143	44,4	38,2	41,2	110,3
Naturais	30	41	71	17,7	23,0	20,5	73,2
Desconhecida	50	62	112	29,6	34,9	32,3	80,6
Africanos	14	7 ^(a)	21	8,3	3,9	6,0	200,0
TOTAIS	169	178	347	100,0	100,0	100,0	94,9

Nota: (a) exclusive uma mulher casada, de 14 anos.

Em segundo, deve-se notar que a razão de masculinidade, como esperado, expressa o relativo equilíbrio entre os sexos, prevaemente para os legítimos; já para os africanos verifica-se largo predomínio do elemento masculino, fato que corresponde inteiramente às expectativas. Para os naturais e as pessoas com filiação desconhecida predomina, no entanto, o sexo feminino; como tal constatação não encontra justificativa no âmbito puramente biológico, devemos procurá-la ao nível sócio-econômico – o que nos induz a supor a comercialização preferencial dos meninos cujas mães eram solteiras⁽¹⁸⁾. A hipótese alternativa – uma taxa de alforria mais elevada para o elemento masculino – não parece plausível.

Na falta de dados suficientes para corroborar a suposição aqui avançada (vide qualificações explicitadas na nota 18), aceitamo-la com as devidas restrições, aguardando futuras pesquisas que a venham comprovar ou negar.

Informações adicionais decorrem da distribuição porcentual dos menores com 14 anos ou menos segundo a filiação (naturais e legítimos) e o tamanho dos plantéis⁽¹⁹⁾. Verifica-se, de pronto, que as distribuições de legítimos e filhos naturais eram muito diferentes. Assim, enquanto 70,6% dos legítimos estavam concentrados nos grandes plantéis, 39,4% dos filhos naturais ali se localizavam, sendo que a parcela majoritária destes (60,6%) colocava-se nos pequenos e médios plantéis. Note-se, além disto, que apenas 6,3% dos legítimos situavam-se na faixa inferior de tamanho: decorrência necessária da concentração de casados ou viúvos nos plantéis de grande porte.

(18) Tal suposição implica a hipótese implícita de que os meninos “faltantes” teriam sido vendidos para escravistas de outras localidades, uma vez que os mesmos deveriam encontrar-se, caso efetivamente existissem, em “algum” lugar; isto também significa que tal desproporção não poderia prevalecer para o conjunto global da massa escrava brasileira.

(19) Note-se a exclusão dos africanos (que se impõe por razões óbvias) e dos menores com filiação desconhecida (exclusão esta menos justificável). Assim os argumentos expendidos a seguir valem, tão-somente, para as crianças que tomamos, inequivocamente, como legítimas ou filhos naturais. Tomemos, pois, para evitar mal-entendidos, os porcentuais aqui apresentados como um máximo para os legítimos e um mínimo para os filhos naturais.

TABELA 16

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DAS CRIANÇAS COM 14 OU MENOS ANOS
SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Legítimos			Naturais			% de Leg.e Nat. Se gundo Faixas de Tamanho		
	H	M	H+M	H	M	H+M	Leg.	Nat.	Total
1-4	8,0	4,4	6,3	26,6	22,0	24,0	34,6	65,6	100,0
5-9	20,0	26,5	23,1	36,7	36,6	36,6	55,9	44,1	100,0
10-41	72,0	69,1	70,6	36,7	41,4	39,4	78,3	21,7	100,0
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	66,8	33,2	100,0

Nota: C.f. teste de χ^2 no A.E.

Já os valores constantes das três últimas colunas da tabela 16 representam mais um argumento favorável à tese de que as famílias regularmente constituídas e mais estáveis encontravam-se nos plantéis de maior porte. Assim, enquanto 65,4% das crianças (legítimas e filhos naturais) da faixa de tamanho de 1 a 4 escravos compunha-se de filhos naturais, encontramos pouco menos de quatro quintos (78,3%) de legítimos na faixa de 10 a 41 cativos. Verifica-se, destarte, que à medida que aumentava o tamanho do plantel, crescia a participação dos legítimos e, conseqüentemente, diminuía a dos filhos naturais (Cf. gráfico 8). Os grandes plantéis ofereciam, pois, ambiente propício ao intercurso sexual regularmente consagrado pela Igreja e à constituição de famílias escravas estáveis. A dispersão dos pequenos escravistas e o grande peso relativo que os mesmos representavam sobre o total de proprietários de escravos (ainda que detentores de parcela minoritária da massa escrava) deve ter contribuído fortemente para a generalização da falsa idéia segundo a qual os escravos viviam em condições de promiscuidade sexual, não experimentado, portanto, a vivência no seio de famílias regulares e estáveis⁽²⁰⁾. A somatória de evidências em contrário, acumuladas neste e noutros estudos recentes, parece-nos suficiente para colocar em xeque a tão difundida tese da promiscuidade do intercurso sexual entre cativos, que encontrou guarida, inclusive, na historiografia brasileira.

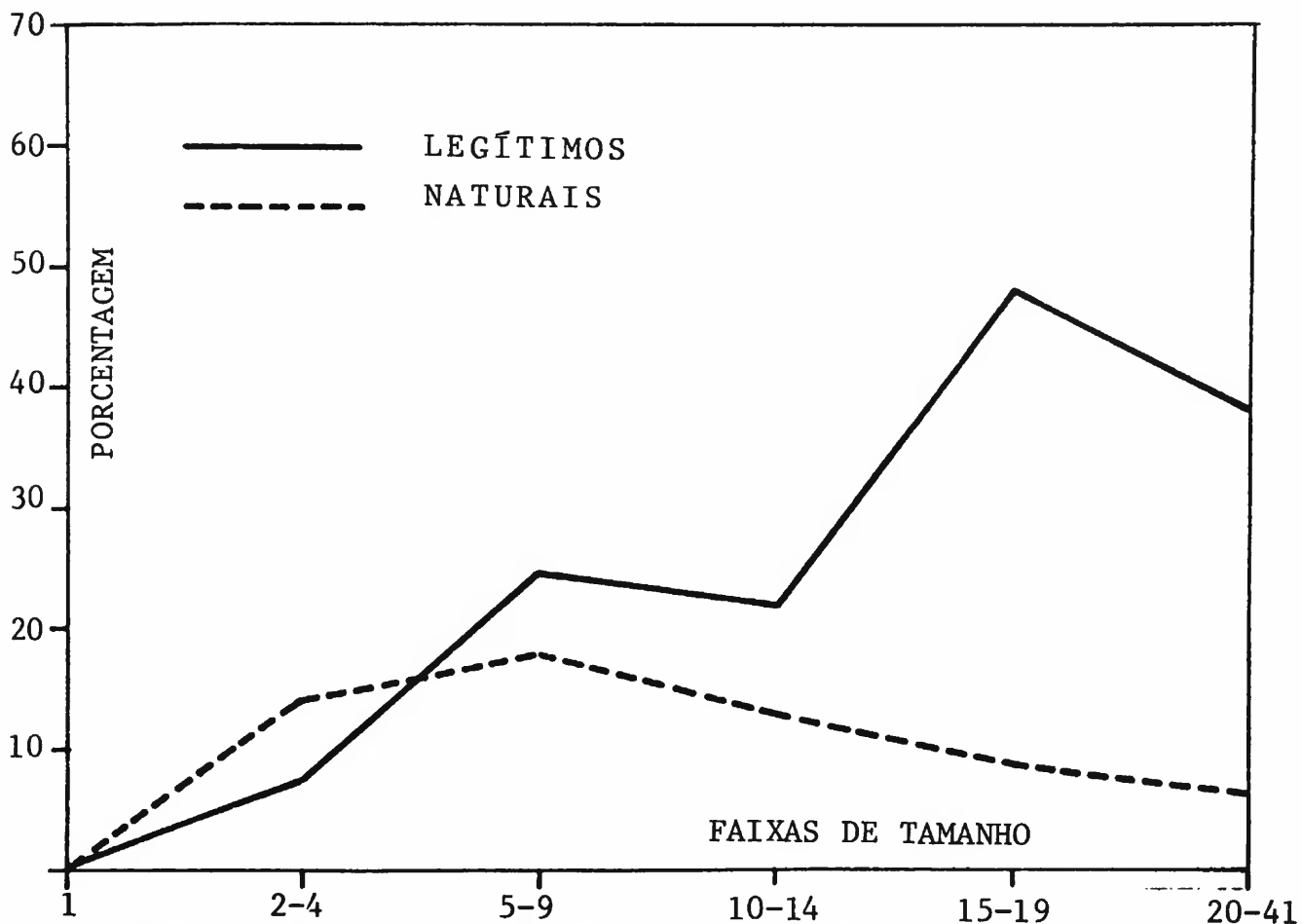
Além disto é preciso acrescentar que a relevância do estudo dos filhos legítimos e naturais não pára aqui. Caso consideremos o impacto dos mesmos sobre o tamanho dos plantéis, novas conclusões se impõem; para tanto, basta analisar o gráfico 9, no qual é indicado, para cada faixa de tamanho, o peso relativo correspondente a legítimos e filhos naturais⁽²¹⁾.

(20) Além da grande presença de pequenos escravistas, encontram-se outros dois argumentos explicativos para a prevalência de tal generalização: o preconceito imperante no quadro da sociedade escravista brasileira contra os negros e a cultura africana e a tendência dos grupos dominantes nacionais, bem como dos viajantes estrangeiros, de verem as uniões consensuais como indício de falta de moralidade. (Cf. SLENES, 1987, p. 220).

(21) Como estamos interessados em revelar o impacto total destas duas categorias de condição de legitimidade, computamos nesse gráfico todos os filhos legítimos ou naturais, vale dizer, inclusive os que apresentavam idades superiores a 14 anos.

GRÁFICO 8

PORCENTUAIS DE LEGÍTIMOS E NATURAIS SOBRE OS EFETIVOS DE SOLTEIROS (EXCLUÍDAS AS MÃES SOLTEIRAS) SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS



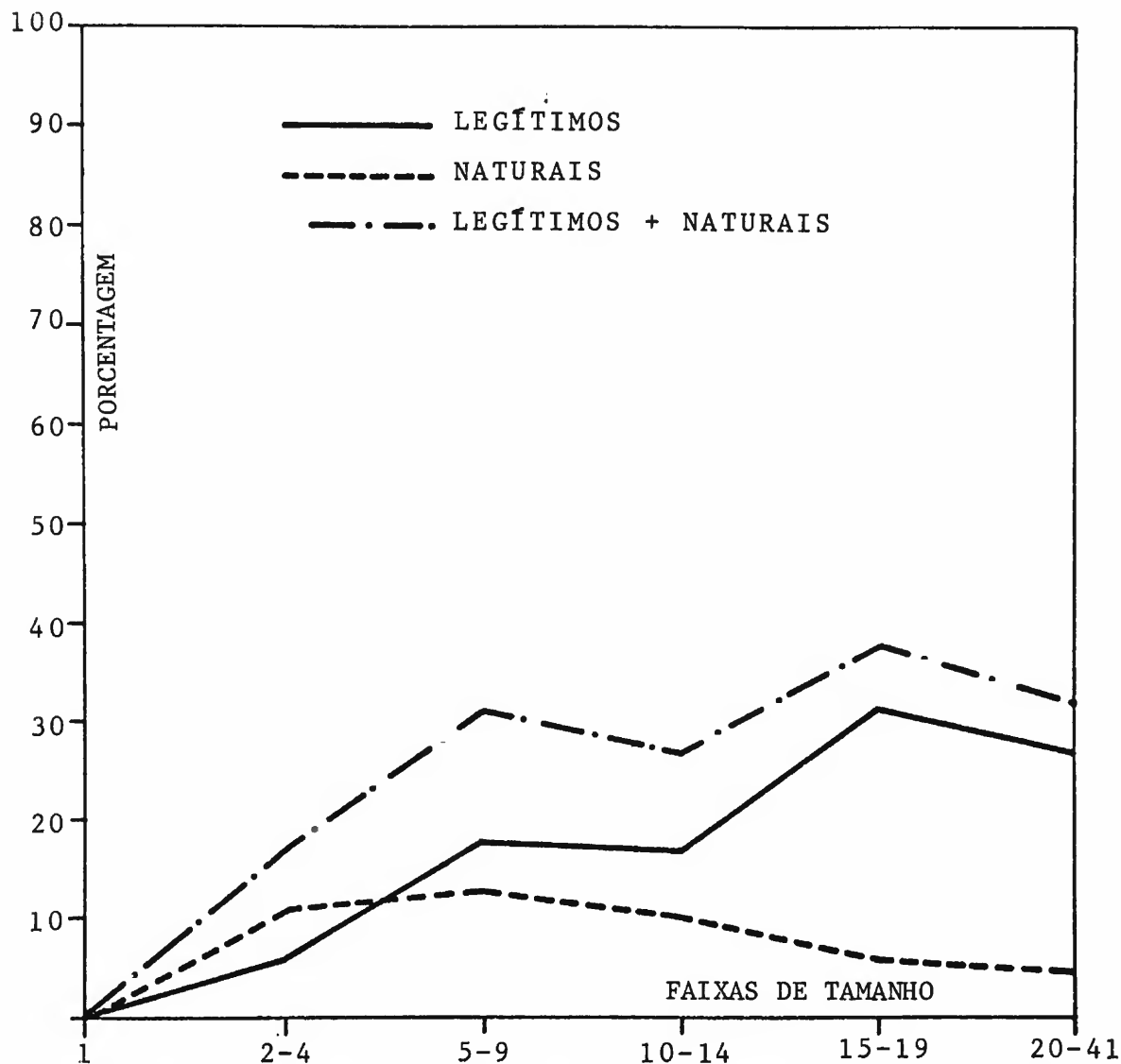
Nota: Os percentuais foram calculados sobre os respectivos efetivos de cada faixa de tamanho.

Ressalta, desde logo, a crescente participação relativa dos filhos legítimos, a qual atinge o máximo de 31,7% para os plantéis que contavam com 15 a 19 escravos, caindo ligeiramente (26,6%) para os plantéis situados na faixa de tamanho de 20-41 cativos. De toda sorte, parece-nos que o contributo situado acima de um quarto revela-se tão expressivo que nos faz pensar no grande impulso potencial que os casamentos regulares podiam significar para a reposição ou ampliação de plantéis com mais de 10 escravos; esta evidência pode explicar porque, dos proprietários aqui estudados, os maiores parecem ter se servido apenas subsidiariamente do mercado interno de escravos; ademais, talvez aí repouse uma das causas para as proibições impostas aos escravos de se casarem "fora" de seus plantéis, pois os casamentos, "dentro" do próprio plantel atuariam no sentido de garantir a "captação" integral dos rebentos que porventura viessem a ser concebidos.

Por sua vez, a participação dos filhos naturais mostrava comportamento diverso, pois após atingir um máximo na faixa de 5 a 9 escravos (13,2% do total de cativos), caía persistentemente, chegando a menos de um vigésimo (5,2) na última faixa aqui contemplada.

GRÁFICO 9

PORCENTUAIS DE FILHOS LEGÍTIMOS E NATURAIS
SOBRE O EFETIVO DE CADA FAIXA DE TAMANHO DOS PLANTÉIS



Nota: Os percentuais foram calculados sobre os respectivos efetivos totais de cada faixa de tamanho.

Não obstante, da integração destes dois efeitos resultava, já para a faixa de 5 a 9 escravos, um impacto da maior importância, o qual se situava, grosso modo, acima dos 30% para o conjunto dos escravistas que possuíam 5 ou mais cativos. Destarte, a potencialidade acima referida via-se reforçada com a presença dos filhos naturais.

Tais resultados apontam na direção de um eventual crescimento vegetativo positivo dos plantéis de maior porte; esta possibilidade, a nosso juízo, não deve ser afastada *in limine*(22).

(22) Tomados os efetivos populacionais médios chegamos, para 1801, a resultados discrepantes para as taxas de crescimento natural dos segmentos de escravos possuídos por grandes escravistas e por pequenos e médios proprietários. Assim, enquanto, grosso modo, vigorou uma taxa positiva de crescimento vegetativo de 8,2 por mil para os plantéis de grande porte, observou-se, para pequenos e médios, a taxa correlata negativa de 2,4 por mil; donde resultou, para a população escrava como um todo, a modestíssima taxa positiva de 3,3 por mil.

De qualquer maneira, mesmo afastadas estas cogitações que têm um caráter puramente especulativo e devem se entendidas como meras hipóteses de trabalho, restaria a evidência irretorquível da alta participação de filhos legítimos e naturais na composição dos plantéis de médio e grande porte. Tal evidência repousa, evidentemente, na existência de mães escravas, ao estudo das quais nos remetemos.

4. Considerações Sobre as Mães Escravas

Atenhamo-nos, inicialmente, a uma visão de conjunto, distribuindo as mães escravas nos grupos de casadas ou viúvas e solteiras. As relações constantes da tabela 17 mostram que, para casadas ou viúvas, o número médio de filhos era crescente com respeito ao tamanho dos plantéis, além de indicarem que, em média, as solteiras tinham junto a si um número menor de filhos solteiros sem prole *vis-à-vis* as casadas ou viúvas; ademais, para as mães solteiras, o número médio de filhos, depois de atingir o máximo de 2,50 na faixa de tamanho 15-19, decresceu para 1,33 na faixa superior de tamanho dos plantéis.

TABELA 17

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL DE SUAS MÃES E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

FTP	Casadas ou Viúvas ^(a)			Solteiras ^(a)		
	Filhos	Mães	F/M	Filhos	Mães	F/M
2-4	10	5	2,00	19	15	1 26
5-9	35	14	2,50	28	14	2,00
10-14	28	10	2,80	17	7	2,43
15-19	26	10	2,60	5	2	2,50
20-41	58	19	3,05	12	9	1,33
TOTAIS	157 ^(b)	58	2,71	81	47 ^(c)	1 72

Notas: (a) consideradas, tão-somente, as mulheres com filhos a viverem junto a si, filhos estes solteiros, sem prole e com qualquer idade;

(b) exclusive cinco filhos de dois viúvos e outros três cuja mãe era forra e casada com cativo;

(c) exclusive u'a mãe solteira a viver com filha que tinha prole.

Já a distribuição, segundo faixas etárias das mães (Cf. tabela 18), seguia o padrão teoricamente esperado, com ponto de máximo em faixa etária intermediária (note-se, a respeito das solteiras, que o pequeno número de observações perturbou

as faixas etárias superiores). Permanece, também como seria de se esperar, a superioridade dos valores médios respeitantes às casadas ou viúvas, para todas as faixas (exclusive aquelas nas quais revelou-se a perturbação acima referida).

TABELA 18

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL DE SUAS MÃES E FAIXAS ETÁRIAS DAS MESMAS

Faixas Etárias das Mães	Casadas ou Viúvas			Solteiras		
	Filhos	Mães	F/M	Filhos	Mães	F/M
15-19	4	3	1,33	10	8	1,25
20-29	71	28	2,54	27	17	1,59
30-39	42	13	3,23	30	14	2,14
40-49	29	9	3,22	8	6	1,33
50-59	9	4	2,25	2	1	2,00
60 e mais	2	1	2,00	4	1	4,00
TOTAIS	157	58	2,71	81	47	1,72

Nota: vide observações da tabela 17.

Antes de passarmos adiante, deve-se esclarecer que os diferenciais observados entre casadas ou viúvas e mães solteiras não são devidos, exclusivamente, a distintas distribuições etárias e podem ser atribuídos, basicamente, a fatores de ordem sócio-econômica e/ou comportamental.

Assim, como se depreende imediatamente do gráfico 10, as distribuições, segundo faixas etárias, correspondentes a mães solteiras e casadas com prole, apresentam traçados semelhantes.

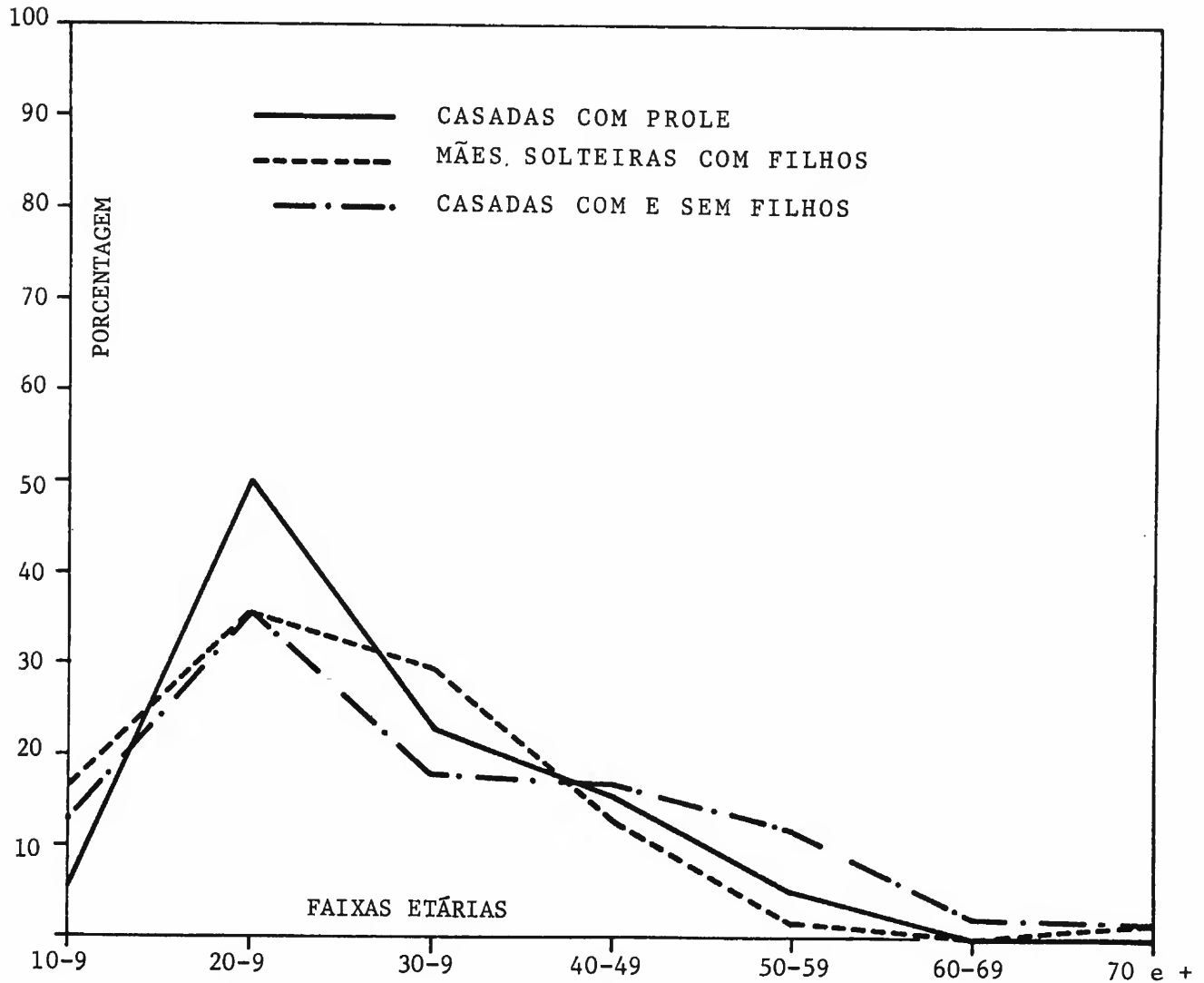
Ademais, os indicadores estatísticos mais sofisticados, relacionados na tabela 19, atestam que as distribuições etárias de casadas e solteiras identificam duas populações que, do ponto de vista etário, não diferiam muito. Ainda haveria maior proximidade caso tomássemos mães solteiras e todas as casadas, independentemente de terem ou não filhos (Cf. testes χ^2 no Anexo Estatístico – A.E.).

A discrepância entre mães solteiras e casadas com prole, aludida na abertura deste tópico – quando tomamos também as viúvas com filhos presentes –, também continua presente quando se efetua a análise da relação “filhos/mães”, segundo a origem e a cor destas últimas (Cf. tabela 20).

Esta partição permite, ainda, o estabelecimento de novas conclusões sobre o grupo das casadas. Vê-se, pela tabela 21 (na qual tomamos apenas as mulheres da faixa dos 15 aos 49 anos e as crianças com 14 ou menos), que o número médio de

GRÁFICO 10

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DE MÃES SOLTEIRAS E CASADAS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS



Nota: Os percentuais foram calculados tomando-se o valor de cada faixa sobre os efetivos totais correspondentes, respectivamente, às mães solteiras com filhos, às casadas também com prole e às casadas com e sem filhos.

TABELA 19

INDICADORES ESTATÍSTICOS DAS DISTRIBUIÇÕES ETÁRIAS DE MÃES SOLTEIRAS E CASADAS COM PROLE

Populações	Idade Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação
Mães solteiras	29,3	10,42	35,58
Casadas	30,8	8,67	28,18

Nota: O coeficiente de variação decorre imediatamente dos outros dois indicadores e se define como o resultado da multiplicação por 100 da divisão do desvio-padrão pela média.

TABELA 20

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS SEGUNDO A ORIGEM,
ESTADO CONJUGAL, COR E FAIXAS ETÁRIAS DE SUAS MÃES

Faixas Etá rias das Mães	Coloniais				Africanas	
	Casadas		Solteiras		Mães Casad.	Mães Solt.
	Mães Pretas	Pardas	Mães Pretas	Pardas		
15-19	1,0	2,0	1,7	1,0	-	1,0
20-29	3,5	2,3	1,3	1,8	2,7	2,0
30-39	3,9	1,7	1,9	3,0	2,0	1,7
40-49	3,8	2,0	1,5	1,0	2,7	1,0
50-59	2,5	1,0				2,0
60 ou mais			4,0	-	-	-
TOTAIS	3,1	2,0	1,7	1,9	2,6	1,6

Nota: Vide observações da tabela 17.

filhos das mulheres pretas era superior ao das pardas: as pretas nascidas no Brasil apresentavam o maior valor para a relação em tela (2,95); seguiam-nas as africanas (2,53), aparecendo por último as pardas aqui nascidas (2,08). Já com respeito às mães solteiras, destacavam-se dois grupos: por um lado, o das pardas – com 1,79 filhos, em média –, e, por outro, o das pretas, às quais, independentemente da origem, couberam os menores valores médios – 1,52 para as negras nascidas no Brasil e 1,57 para as deslocadas da África.

O número de casos não é suficiente para afirmações categóricas sobre as causas das divergências no grupo das casadas; fica, não obstante, consignada sua existência.

TABELA 21

NÚMERO MÉDIO DE FILHOS COM 14 OU MENOS ANOS, PARA A
FAIXA ETÁRIA DOS 15 AOS 49 ANOS DAS RESPECTIVAS MÃES

Valores	Coloniais				Africanas	
	Casadas		Solteiras		Mães Casad.	Mães Solt.
	Mães Pretas	Pardas	Mães Pretas	Pardas		
nº de filhos	65	25	35	25	43	11
nº de mães	22	12	23	14	17	7
F/M	2,95	2,08	1,52	1,79	2,53	1,57

Também com a devida cautela, empreendemos o estabelecimento de estimativas para os índices de fecundidade dos diferentes grupos de mães com os quais esta-

mos a tratar. Restringimo-nos, pois, a apenas dois cortes, um referente ao tamanho dos plantéis, outro à condição de legitimidade.

Adotamos, para estimar índices gerais de fecundidade, a relação do número de crianças de 0 a 4 anos por 1.000 mulheres em idade de procriar, ou seja, dos 15 aos 49 anos. Tal índice igualou 653 para o conjunto da população; novamente caracterizou-se a divergência entre os vários estratos de tamanho dos plantéis com respeito ao índice de fecundidade acima definido, o qual, embora se constitua numa estimativa pouco refinada, é suficiente para evidenciar dessemelhanças bem acentuadas. Assim, nos pequenos plantéis contavam-se 396 crianças de 0 a 4 anos por grupo de 1.000 mulheres de 15 a 49 anos, na faixa intermediária de tamanho encontravam-se 635 e, nos plantéis de maior porte, 792 crianças por grupo de 1.000 mulheres (Cf. tabela 22). Muito embora tais resultados pareçam sugestivos, não se deve esquecer que os mesmos podem estar enviesados. Assim, o índice referente à faixa de tamanho de 1 a 4 escravos estaria subestimado, pois como os pequenos plantéis formam-se – seja por compra, seja por variadas formas de doação (partilha em vida, herança etc) – privilegiando cativos com idade mais elevada, poderiam estar sendo subtraídas de plantéis mais numerosos mulheres que nele deixaram sua prole. Esta mesma eventualidade traria como consequência a superestimação do índice pertinente aos plantéis maiores. É, pois, com esta qualificação que se devem interpretar os índices gerais de fecundidade acima postos.

TABELA 22

ESTIMATIVA PARA ÍNDICES GERAIS DE FECUNDIDADE
SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Crianças (0 a 4 anos)	Mulheres (15 a 49 anos)	$\frac{C(0-4)}{M(15-49)}$	1000
1-4	19	48		396
5-9	33	52 ^(a)		635
10-41	76	96		792
TOTAIS	128	196		653

Nota: (a) inclusive uma forra cujos filhos foram anotados como escravos.

Com referência aos índices globais de fecundidade legítima e natural, optamos pelo cálculo de duas estimativas para cada condição; isto porque, como reportado, para 17 das 128 crianças de 0 a 4 anos⁽²³⁾, não foi possível identificar a condição de legitimidade. Em face disto, somando as crianças com filiação indefinida, ora a natu-

(23) Nesta faixa etária encontramos 57,0% de legítimos, 29,7% de filhos naturais e para os restantes 13,3% não foi possível identificar a filiação.

rais, ora a legítimos, determinamos o máximo e o mínimo para a fecundidade global correspondente a uns e outros (C.f. tabela 23). Assim, aos filhos legítimos corresponderia um limite inferior de 973 por mil mulheres casadas, e um máximo de 1.200. Correlatamente, para os naturais encontramos os limites 319 e 462 crianças por grupo de 1.000 mulheres solteiras, observada, para as mulheres, a faixa etária dos 15 aos 49 anos. Admitindo-se que a maior parte das crianças com filiação indeterminada fosse composta por filhos naturais, pode-se afirmar que o índice global de fecundidade ilegítima estaria próximo de 462; o mesmo suposto nos obriga a reconhecer que o índice correlato para legítimos situar-se-ia não muito acima de 973.

TABELA 23

ESTIMATIVA PARA ÍNDICES GLOBAIS DE
FECUNDIDADE LEGÍTIMA E ILEGÍTIMA

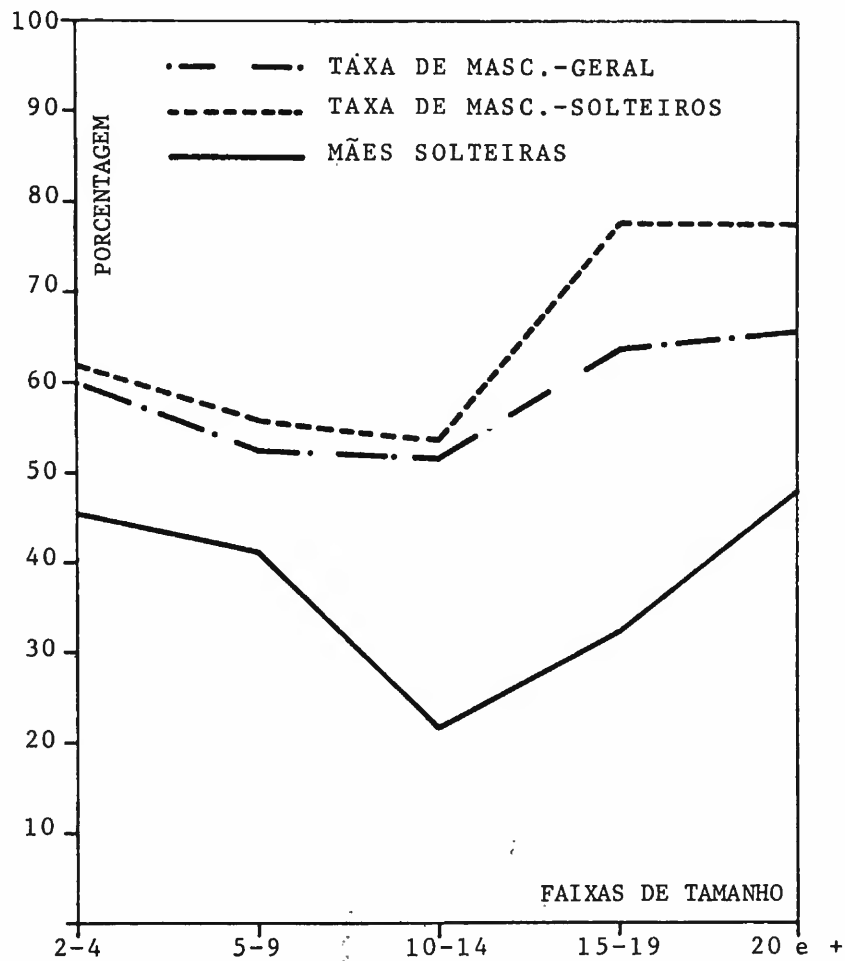
Condições de Legitimidade	Crianças (0 a 4 anos)	Mulheres (15 a 49 anos)		C (0-4) M(15-49)	1000
		Casadas	Solteiras		
Legítimos	73	75 ^(a)	-	973	
Legit.+Desconhecida	90	75 ^(a)	-	1200	
Naturais	38	-	119	319	
Naturais + Desconhecida	55	-	119	462	

Nota: (a) inclusive uma forra cujos filhos foram anotados como escravos.

Cumpramos notar, por fim, a visível correlação entre a taxa de masculinidade e a participação de mães solteiras sobre o total de solteiras (excluídas as crianças). No gráfico 11 apresentamos, além desta última relação, a taxa de masculinidade para solteiros e para o total da população escrava; as três curvas apresentam a forma em U, sendo que tal concordância poderia sugerir que a ocorrência de filhos naturais (pensada no âmbito de relações entre escravos) também estivesse confinada aos limites de cada plantel. Esta hipótese – tomada com base em dados agregados – não encontra respaldo integral quando os dados são considerados ao nível desagregado, pois parcela substantiva das mães solteiras vivia em plantéis nos quais encontravam-se, apenas, as mesmas acompanhadas de seus filhos, fazendo-se presentes, em alguns casos, crianças do sexo masculino com filiação desconhecida; isto acontecia, basicamente, nos pequenos plantéis; neste caso não é descabido supor que a falta de parceiros estaria a explicar a própria expressiva incidência de filhos naturais em plantéis de pequeno porte. Nos plantéis médios ou grandes, por outro lado, verifica-se a convivência de elevado porcentual de mães solteiras junto a homens soltei-

GRÁFICO 11

**TAXAS DE MASCULINIDADE PARA TODA A POPULAÇÃO E PARA SOLTEIROS;
PORCENTUAIS DE MÃES SOLTEIRAS SOBRE O TOTAL DE SOLTEIRAS
(EXCLUÍDAS CRIANÇAS)**



ros com 15 ou mais anos, sendo válida, somente nestas circunstâncias, a supracitada hipótese (Cf. tabela 24).

TABELA 24

**CONDIÇÕES DE CONVIVÊNCIA DAS MÃES SOLTEIRAS
SEGUNDO FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS**

FTP	Vivência isolada e/ou com outras mães solteiras (A)	Presentes homens solteiros com 15 ou mais anos (B)	(A)+(B)	Distribuição Percentual		
				(A)	(B)	(A+B)
2-4	12	3	15	25,1	6,2	31,3
5-9	3	12	15	6,2	25,1	31,3
10-41		18	18	-	37,4	37,4
TOTAIS	15	33	48	31,3	68,7	100,0

Debrucemo-nos, agora, sobre a origem e a cor das pessoas que, embora padecendo as duras condições do cativeiro, encontraram lugar para o amor e para criar, junto a si, seus filhos.

5. Observações Adicionais Sobre a Cor e a Origem dos Casados, Viúvos e Mães Solteiras

Começemos por estas últimas. O estudo das variáveis demográficas de pardas e pretas que não chegaram a se casar e geraram filhos identifica-as como dois segmentos símiles.

Além disto, outras regularidades vêm à luz quando confrontamos estes grupos às mulheres em geral ou às solteiras sem filhos em particular. Assim, as mães solteiras distribuíam-se, respectivamente, entre pardas e pretas segundo os percentuais 29,2 e 70,8, pesos relativos estes que pouco diferiam do vigente para a população feminina, excluídas as solteiras com 14 ou menos anos: 22,9% de pardas e 77,1% de negras. Este confronto encerra o risco de estarmos a comparar segmentos com estruturas etárias muito divergentes. Não é este, porém, o caso, pois, tomando-se as solteiras sem filhos colocadas na faixa de 15 e mais anos, verifica-se que os percentuais se aproximam (Cf. tabela 25, três primeiras colunas). Ademais, quando se contemplam as participações de pretas e pardas com filhos sobre os efetivos de solteiras em geral (excluídas as crianças com 14 ou menos anos), fica patenteada a semelhança do comportamento de ambos os grupos com relação ao tema em foco; destarte, das solteiras pardas, 36,8% compunham-se de mães solteiras, valor este que pouco se afastava do peso relativo correlato referente às negras: 33,3% (Cf. as três últimas colunas da tabela 25). Isto significa que também não havia discrepância “dentro” dos segmentos de cor, o que complementa as informações anteriores, nas quais tínhamos em mira eventuais diferenças “entre” os aludidos segmentos de solteiras com e sem filhos.

TABELA 25

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DAS MULHERES
SEGUNDO A COR E CONDIÇÕES ESPECÍFICAS

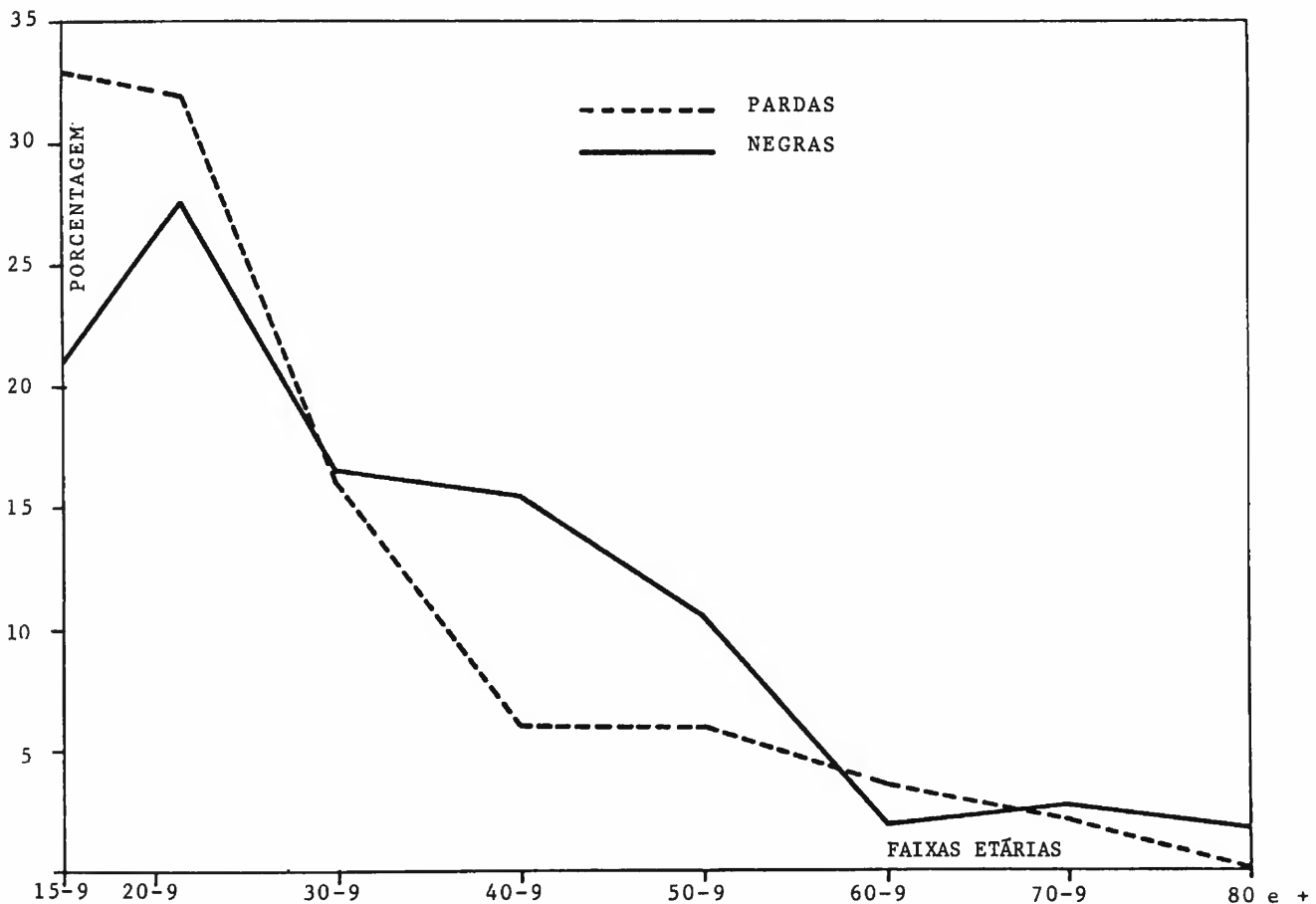
cor	Mães	Solteiras sem Filhos (exc.crianças)	Pop.Fem. (exc.crianças)	Solteiras com 15 ou mais anos		
	Solteiras			solt.s/f	mães solt.	total
pardas	29,2	26,1	22,9	63,2	36,8	100,0
pretas	70,8	73,9	77,1	66,7	33,3	100,0
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	65,7	34,3	100,0

Nota: C.f. Teste χ^2 no A.E.

Dal não decorre que pardas e pretas devessem compor populações com estruturas etárias semelhantes, pois estamos a comparar pardas e negras solteiras com prole, respectivamente, a pardas e negras solteiras sem filhos. Como se visualiza no gráfico 12 as populações de pardas e pretas (com 15 ou mais anos) compareciam com estruturas etárias distintas, embora muitíssimo próximas⁽²⁴⁾.

GRÁFICO 12

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DA POPULAÇÃO FEMININA
SEGUNDO A COR E FAIXAS ETÁRIAS



Nota: O percentual de cada faixa foi tomado sobre efetivo total da respectiva cor.

Outro confronto que reafirma a similitude das subpopulações de pardas e pretas em tela refere-se à distribuição etária de mães solteiras pardas e pretas. Esta comparação, portanto, diz respeito aos dois grupos de cor, contempladas, tão-somente,

(24) Como em outro tópico foi demonstrado que as mães solteiras, independentemente da cor, não apresentavam distinções, quando à distribuição etária, *vis-à-vis* as casadas, complementamos, agora para outros segmentos populacionais e de acordo com outro corte, aquela análise; afirmamos, portanto, que pardas e pretas tomadas conjuntamente mostraram – com respeito ao fato de serem casadas ou mães solteiras – corte etário símile. Isto não implica, obviamente, que pardas e negras consideradas segundo suas cores também devam necessariamente obedecer a algum padrão de similitude; não obstante, observou-se grande proximidade no perfil etário de pardas e negras com 15 ou mais anos. Os testes de χ^2 constantes do A.E. corroboram eloquentemente tal asseveração.

aquelas solteiras que fora do casamento regular vieram a ter filhos. A idade média das pardas com filhos não se distanciava muito da prevalecente para pretas com prole; os coeficientes de variação também revelaram-se pouco discrepantes (C.f. tabela 26)⁽²⁵⁾. Desta mesma tabela infere-se que, excluídas as mães solteiras pretas nascidas na África, as solteiras coloniais desta cor, com filhos, apresentavam distribuição etária muito próxima das solteiras pardas com filhos: as idades médias de pardas e pretas (respectivamente 26,3 e 28,7) e os coeficientes de variação (27,07 e 27,73) dão suporte a esta afirmação (Cf. tabela 26).

TABELA 26

INDICADORES ESTATÍSTICOS DAS DISTRIBUIÇÕES ETÁRIAS
DE MÃES SOLTEIRAS PRETAS E PARDAS

População	Idade Média	Desvio Padrão	Coefficiente de Variação
Pardas	26.3	7,12	27,07
Pretas (col+afric)	29.3	8,73	29.79
Pretas Coloniais	28,7	7,96	27.73
Pretas Africanas	30,5	9,91	32,44

Como avançado no início do tópico, a conclusão que se nos impôs diz respeito ao comportamento das solteiras pardas e negras que não chegaram a se casar. É preciso fixar bem esta observação, pois os percentuais para pardas e pretas (com 15 ou mais anos) casadas ou viúvas divergem largamente: apenas 29,6% das pardas conheceram o casamento, enquanto a cifra para as negras alçava-se a 43,9%. Tamanho diferencial não pode ser atribuído, exclusivamente, às distribuições etárias, pois as mesmas, embora possam ser tidas como distintas, revelaram afastamento mínimo (Cf. testes de χ^2 no A.E.). É preciso, portanto, encontrar, em outro nível, explicação para o fato de havermos encontrado o diferencial supracitado.

Outro argumento a reforçar a necessidade de encontrarmos tal solução nos é dado pela análise da incidência de mães solteiras negras e pardas segundo estratos de tamanho dos plantéis, uma vez que, também para este corte, o "fenômeno" mãe solteira mostrou-se harmonicamente distribuído com respeito à cor. Vale dizer, os pesos relativos de cada cor não se afastaram significativamente dos percentuais vá-

(25) Para os cálculos destes indicadores excluímos duas senhoras pretas nascidas no Brasil, com idades muito avançadas e que fugiam, absolutamente, aos padrões vigorantes, tanto para pardas como para as próprias pretas. Uma contava 70 anos e morava juntamente com uma filha de 38, também mãe solteira; a outra, de 73 anos, tinha junto a si três filhos, cujas idades também destoavam dos padrões vigentes para as demais mães solteiras.

TABELA 27

DISTRIBUIÇÕES PORCENTUAIS DE MÃES SOLTEIRAS,
SEGUNDO A COR E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

Faixas de Tamanho	% entre Faixas de Tamanho			% Dentro de cada Faixa de Tamanho		
	Pardas	Pretas	Totais	Pardas	Pretas	Totais
1-9	64,3	61,8	62,5	30,0	70,0	100,0
10-41	35,7	38,2	37,5	27,8	72,2	100,0
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	29,2	70,8	100,0

Nota: C.f. teste χ^2 no A.E.

lidos para ambas as cores tomadas conjuntamente. Assim, na faixa de tamanho com até 9 cativos encontravam-se 61,8% das mães solteiras pretas e 64,3% das pardas; na faixa superior, necessariamente, os percentuais também não se afastavam expressivamente. Além disso, em cada faixa de tamanho, igualmente, ocorria pouca distância das porcentagens; na primeira, 70,0% de pretas (contra 72,2% na segunda) e 30% de pardas (*versus* 27,8% na superior). Infere-se, pois, não haver influência do tamanho dos plantéis sobre a dispersão dos pesos relativos de cada cor em torno dos percentuais inscritos nas duas primeiras linhas da terceira coluna e no antepenúltimo e penúltimo postos da terceira linha da tabela 27⁽²⁶⁾.

Esta constatação apenas nos permite concluir que, para o conjunto de mães solteiras, não havia disparidade significativa, com respeito à participação nos dois estratos de tamanho, de pardas ou negras⁽²⁷⁾. Para sabermos se havia ou não concentração de uma cor em um estrato específico de tamanho é preciso comparar os resultados inscritos na tabela 28 com os obtidos a partir de uma população distinta da integrada por mães solteiras; esta população servirá, portanto, como referência para os aludidos resultados da tabela 27. A população ideal para efeitos comparativos é a de solteiras sem filhos, com 15 ou mais anos. É preciso, pois, construir, para as solteiras sem prole e com 15 ou mais anos, uma tabela com os mesmos cortes presentes na de número 28. Se os valores correspondentes não se mostrarem significativamente discrepantes⁽²⁸⁾ poderemos afirmar – sem qualquer dúvida – que não ha-

(26) Estes percentuais, como sabido, resultam da ponderação das porcentagens correlatas pela participação, em termos absolutos, das mães solteiras em cada faixa de tamanho. Assim, por exemplo, o valor de 62,5 é dado por $\frac{61,8 \times 21 + 64,3 \times 9}{30} = 62,5$; já o valor 70,8 resulta da operação $\frac{70,0 \times 21 + 72,2 \times 13}{34} = 70,8$.

(27) Esta conclusão equivale, para o tamanho dos plantéis, à verificação acima posta, pela qual revelou-se a similitude das estruturas etárias de mães solteiras pardas e negras.

(28) Ou seja, o fato de encontrarmos um alto percentual de mães solteiras com filhos na faixa de tamanho de 1 a 9 (62,5%) não terá decorrido de uma "tendência" das pardas a gerarem filhos fora do casamento, mas, sim, de nesta faixa encontrar-se um número maior de pardas, cujo comportamento não diferia do das negras.

via relação entre o tamanho dos plantéis e a cor das mães solteiras; neste caso voltamos à questão central que se nos colocou acima: explicar porque as pardas casavam em proporção menor do que as pretas.

Os valores reportados na tabela 28 não se afastam demasiadamente daqueles constantes da 27. Além do mais, as divergências não discriminam na direção de

TABELA 28

DISTRIBUIÇÕES PORCENTUAIS DE SOLTEIRAS SEM FILHOS
COM 15 OU MAIS ANOS, SEGUNDO A COR E
FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

FTP	% entre Faixas de Tamanho			% Dentro de Cada Faixa de Tamanho		
	Pardas	Pretas	Totais	Pardas	Pretas	Totais
1-9	58,3	57,4	57,6	26,4	73,6	100,0
10-41	41,7	42,6	42,4	25,6	74,4	100,0
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	26,1	73,9	100,0

Nota: C.f. teste χ^2 no A.E.

uma cor específica, ao contrário, são comuns a pardas e negras. Assim, para a faixa de 1 a 9 cativos encontramos um peso relativo menor para solteiras pardas sem filhos *vis-à-vis* as mães solteiras de mesma cor (58,3% contra 64,3%). Para as pretas também deu-se o mesmo – 57,4 *versus* 61,8%. (Cf. três primeiras colunas de ambas as tabelas). Resultado idêntico ocorreu com os percentuais referentes à distribuição segundo a cor, para cada faixa de tamanho (C.f. três últimas colunas de ambas as tabelas).

Tanto com respeito à estrutura etária, como no concernente às distribuições segundo faixas de tamanho notou-se similitude entre mães solteiras pardas e negras. Ademais, a composição de ambas as subpopulações acompanha a participação das solteiras, sem filhos, pardas e negras. Pode-se afirmar, daí, que estamos a tratar de populações cujo comportamento independe do tamanho dos plantéis; sob esta perspectiva, as solteiras (com e sem filhos) negras pouco diferiam das pardas. Por enquanto, o fato maior, ainda a explicar, como repisado, é o comportamento de pardas e negras com respeito ao casamento, questão esta que começará a ser melhor entendida e se desdobrará em outras mais, a partir da análise da origem das mães solteiras e dos comportamentos diferenciais que, em princípio, parecem vincular-se a esta variável. Na conformidade da prática adotada até o momento, adotaremos, para efeito de confronto, a população de solteiras sem filhos. A consideração da tabela 29 sugere-nos uma nítida distinção entre as mães solteiras africanas e as nascidas no Brasil. Assim, enquanto para estas últimas nota-se um percentual superior ao das

TABELA 29

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DE SOLTEIRAS COM 15 OU MAIS ANOS
SEGUNDO O ESTADO CONJUGAL E A ORIGEM

Cor	Mães Solt.		Totais	Solt. sem Filhos		Totais
	Bras.	África		Bras	África	
Parda	29,2	-	29,2	26,1	-	26,1
Preta	52,1	18,7	70,8	45,6	28,3	73,9
TOTAIS	81,3	18,7	100,0	71,7	28,3	100,0

solteiras sem filhos (52,1% contra 45,6%), para as oriundas da África o diferencial muda de sentido (18,7% contra 28,3%); vale dizer, as africanas apresentam uma participação bem menor que as brasileiras de cor preta no conjunto das mães solteiras. Eis revelada, portanto, outra questão a enfrentar, qual seja, a do comportamento diferenciado de brasileiras e africanas com respeito à geração de filhos fora do matrimônio. Este novo problema leva-nos a concluir, ainda ao nível hipotético, que a origem se define como elemento explicativo dos comportamentos diferenciados observados até o momento; não se deve esquecer, outrossim, já haveremos afastado a estrutura etária e o tamanho dos plantéis como fatores capazes de, clara e irretorquivelmente, responder pelas discrepâncias detectadas⁽²⁹⁾.

Para tanto, integremos à análise as casadas ou viúvas, pois, desta forma, teremos confrontado todos os estados conjugais possíveis, excluídas sempre, as crianças.

Para efeitos comparativos, empregaremos procedimento analítico capaz de acusar, se porventura houver, comportamentos específicos de cada grupo analisado. Tomando-se a participação relativa de cada variável no total da população estudada, estabeleceremos quais seriam os valores teoricamente esperados caso os comportamentos dos grupos independessem da origem e da cor; este quadro será confrontado aos valores efetivamente observados, permitindo-nos verificar até que ponto os aludidos comportamentos se distanciam⁽³⁰⁾.

Como se depreende da tabela 30, existem marcantes diferenças entre os valores observados e os que prevaleceriam caso não houvesse – com respeito aos casamentos e à geração de filhos naturais – influência da origem. Assim, as africanas casam-se em maior número (34 contra 28,7) e comparecem em número menor no

(29) Os dados para as africanas também mostraram-se independentes com relação às faixas de tamanho dos plantéis. Assim, as mães solteiras africanas distribuíam-se pelas faixas segundo os pesos relativos 55,6% e 44,4%; as solteiras sem filhos, nascidas na África, também compareciam nas aludidas faixas com pesos relativos próximos aos das mães solteiras: 57,7 e 42,3, respectivamente, (Cf. teste X^2 no AE).

(30) Para mensurar eventuais dessemelhanças adotaremos uma medida de discrepância entre as frequências observadas e as teóricas (X^2).

TABELA 30

DISTRIBUIÇÃO OBSERVADA E TEÓRICA DE MÃES SOLTEIRAS E CASADAS OU VIÚVAS SEGUNDO A ORIGEM E A COR

Cor e Origem	Valores Observados			Valores Teóricos		
	Mães Solt.	Casadas ou Viúvas	Totais	Mães Solt.	Casadas ou Viúvas	Totais
africanas	9	34	43	14,3	28,7	43
pretas col.	25	46	71	23,7	47,3	71
pardas col.	14	16	30	10,0	20,0	30
TOTAIS	48	96	144	48	96	144

grupo das mães solteiras (9 *versus* 14,3). As pretas coloniais, por seu turno, apresentam, efetivamente, valores ligeiramente diferentes dos esperados teoricamente: pouco mais para mães solteiras (25 *vis-à-vis* 23,7) e número pouco menor de casadas ou viúvas (46 em face de 47,3). Para as pardas os diferenciais são nitidamente mais amplos, pois encontramos 14 mães solteiras, contra as 10 esperadas, e apenas 16 casadas para as 20 calculadas. Este quadro não deixa margem a dúvidas; a origem e a cor combinam-se para explicar as discrepâncias que viemos ressaltando no correr deste tópico. As africanas casam-se proporcionalmente mais do que as mulheres coloniais; destas, por sua vez, as pardas casam-se relativamente menos e revelam-se mais predispostas a gerar filhos fora do matrimônio. Para afastar qualquer margem de erro, pois estamos a tratar de quatro Cias., das oito então existentes em Lorena, aplicamos o teste de χ^2 a estes dados; o resultado corrobora integralmente nossa postulação, pois é reafirmada a distinção do comportamento dos grupos em foco, a um nível de 90,0% de confiança (Cf. teste de χ^2 no A.E.)⁽³¹⁾.

Falta-nos, ainda, demonstrar que nossas conclusões não se vêem afetadas pelas pequenas variações das estruturas etárias das mulheres aqui estudadas. Os percentuais da tabela 31 servem a tal escopo e falam por si, pois, para cada faixa etária, verificam-se para os três grupos de mulheres as afirmações acima expressas; assim, por exemplo, na faixa dos 20 aos 39 anos encontramos, para africanas, 15,6% de mães solteiras e 59,4% de casadas; os valores respectivos para pretas coloniais são 31,4% e 37,2% e os correlatos para pardas 38,5% (o mais elevado de todos) e 30,5%, o menor em face dos dois outros grupamentos. Ademais, esta relação mantém-se para as demais faixas de idade. Estes dados mostram que, além de predominarem relativamente quanto à condição de mães solteiras, as pardas também apresentavam o maior peso relativo de solteiras sem filhos.

(31) Estes mesmos testes asseguram que o comportamento de pardas distinguia-se do das pretas africanas e que estas últimas também divergiam significativamente das pretas coloniais; já pardas e negras coloniais não apresentavam comportamento estatisticamente divergente (Cf. testes de χ^2 no A.E.).

TABELA 31

PORCENTUAIS DE SOLTEIRAS, MÃES SOLTEIRAS E CASADAS OU VIÚVAS
SEGUNDO A ORIGEM, COR E POR FAIXAS ETÁRIAS

Faixas Etárias	Pretas Africanas			Pretas Coloniais			Pardas Coloniais		
	Solt.	M.S.	Ca+Vi	Solt.	M.S.	Ca+Vi	Solt.	M.S.	Ca+Vi
15-19	60,0	13,3	26,7	60,9	13,0	26,1	70,6	17,6	11,8
20-39	25,0	15,6	59,4	31,4	31,4	37,2	23,0	38,5	30,5
40-59	41,2	11,7	47,1	29,0	12,9	58,1	50,0	12,5	37,5
60 e mais	40,0	-	60,0	37,5	25,0	37,5	66,7		33,3
TOTAIS	37,7	13,0	49,3	37,2	22,1	40,7	44,5	25,9	29,6

Nota: para cada origem os percentuais foram tomados sobre os respectivos efetivos de cada faixa etária, e somam 100,0, no sentido das linhas, para cada grupo de mulheres e faixa etária.

Para encerrarmos a discussão em torno das mães solteiras falta demonstrar que não havia concentração de pardas nos pequenos plantéis (nos quais o casamento dava-se em menor escala) e, correlatamente, não ocorria incidência desproporcional de negras (em particular de africanas) nos plantéis de grande porte (nos quais havia ambiente propício ao casamento e não se encontrava número excessivo de mães solteiras). Vale dizer, é preciso provar a proporcionalidade da distribuição de pardas, negras coloniais e africanas segundo as faixas de tamanho dos plantéis; isto feito, afasta-se o último reparo que se poderia aventar contra nossas conclusões. Seguindo procedimento análogo ao empregado na elaboração da tabela 30, construímos a de número 32; nela, logo à primeira vista, patenteia-se a independência das aludidas distribuições.

TABELA 32

DISTRIBUIÇÃO OBSERVADA E TEÓRICA DAS MULHERES (com 15 ou mais anos),
SEGUNDO ORIGEM, COR E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS

FTP	Valores Observados				Valores Teóricos			
	Africanas	Pretas	Col.	Pardas Totais	Africanas	Pretas	Col.	Pardas Totais
1-4	16	32	12	60	17,5	28,5	13,7	60
5-9	17	26	15	58	17,0	27,8	13,3	58
10-41	36	55	27	118	34,5	56,5	27,0	118
TOTAIS	69	113	54	236	69	113	54	236

A conclusão óbvia, e agora redundante, diz que as causas dos diferenciais que nos têm ocupado situam-se além das variáveis demográficas e econômicas imediatas, pois dizem respeito à postura coletiva, cujos condicionantes encontram-se em

hábitos e costumes os quais formaram-se no correr do tempo e, certamente, decorreram das experiências vividas objetiva e subjetivamente pelos distintos grupos aqui discriminados; representam, ainda, provavelmente, estratégias de sobrevivência e acomodação cujas raízes determinantes poderão referir-se apenas mediatamente às condições econômicas defrontadas pelos cativos. Neste sentido, é possível que a maior incidência de casamentos entre as africanas fosse uma forma de encontrar, no meio adverso para o qual haviam sido deslocadas, o refúgio no seio do qual se procurava preservar elementos culturais trazidos do outro continente; este refúgio poderia significar, também, um mínimo de segurança num mundo praticamente desconhecido e possivelmente hostil. A estas considerações de caráter genérico dão respaldo, ainda que parcial, as inferências derivadas do estudo dos casais, ao qual nos dirigiremos depois de breves comentários sobre os viúvos e da análise conjunta de casados ou viúvos.

Contamos 12 escravos viúvos: 2 homens e 2 mulheres com filhos, não estando acompanhados de prole os restantes 4 homens e 4 mulheres. Concentravam-se nos grandes plantéis (75,0%) e em sua maioria eram originários da África (66,7%); 11 deles de cor preta (91,7%) e uma mulher parda. Todos estes valores afinam-se com o perfil de casados – predominância dos negros com presença expressiva de africanos e concentração nos grandes plantéis. O fato de encontrarmos um terço deles a viverem juntamente com seus filhos, todos em grandes plantéis, mostra-se coerente com afirmações já expendidas neste trabalho (Cf. tabela 33).

TABELA 33

VIÚVOS E VIÚVAS, SEGUNDO VÁRIOS ATRIBUTOS

Faixas de Tamanho	Viúvos sem filhos		Viúvos com Filhos		H+M		
	H	M	H	M	s/filhos	c/filhos	total
0-4	1	-	-	-	1	-	1
5-9	1	1	-	-	2	-	2
10-41	2	3	2	2	5	4	9
TOTAL	4	4	2	2	8	4	12

Nota: Dos homens, 5 eram africanos e 1 colonial preto; das mulheres, 3 africanas, 1 parda e 2 pretas coloniais.

Caso somemos os viúvos aos casados e solteiros com 15 ou mais anos, também chegaremos a resultados já esperados: 35,7% dos pretos de ambos os sexos eram casados ou viúvos, enquanto apenas 23,8% dos pardos o eram⁽³²⁾. Quanto aos africanos, 39,5% compunham-se de casados ou viúvos, sendo que para o elemento colonial o porcentual correlato atingia apenas 29,5% (Cf. tabela 34). Tal divergência,

(32) Os negros coloniais de ambos os sexos colocam-se em posição inter-média – 32,1%.

TABELA 34

DISTRIBUIÇÃO PARA AMBOS OS SEXOS, DE SOLTEIROS (com 15 ou mais anos) E CASADOS OU VIÚVOS, SEGUNDO A ORIGEM E COR

Estado Conjugual	Africanos	Coloniais			Pretos Afr.+Col.	Total Geral
		Pretos	Pardos	Total		
Solteiros	135	161	80	241	296	376
Casados ou Viúvos	88	76	25	101	164	189
TOTAIS	223	237	105	342	460	565

Nota: inclusive uma mulher de 14 anos, casada.

como visto, não pode ser atribuída às distinções entre estruturas etárias, nem à concentração de negros e/ou africanos nos grandes plantéis⁽³³⁾. Dizia respeito à postura diferenciada de africanos, negros coloniais e pardos em face do casamento; este comportamento foi detalhadamente estudado para as mulheres e também repetiu-se referentemente aos homens (Cf. tabela 35); nada, pois, há a acrescentar àquelas conclusões, cuja somatória espelha-se na tabela 36.

TABELA 35

DISTRIBUIÇÃO PORCENTUAL DE HOMENS SOLTEIROS (com 15 ou mais anos) E CASADOS OU VIÚVOS, SEGUNDO A ORIGEM E A COR

Estado Conjugual	Africanos	Coloniais			Pretos Afr.+Col.	Total Geral
		Pretos	Pardos	Total		
Solteiros	64,9	75,8	82,4	77,7	69,8	71,7
Casados ou viúvos	35,1	24,2	17,6	22,3	30,2	28,3
TOTAIS	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

TABELA 36

DISTRIBUIÇÃO DE CASADOS OU VIÚVOS SEGUNDO O SEXO, COR E ORIGEM

Sexo	Números Absolutos					Porcentuais			
	Coloniais			Africanos	Total Geral	Coloniais		Africanos	Total Geral
	Pretos	Pardos	Totais			Pretos	Pardos		
Homens	30	9	39	54	93	15,9	4,7	28,6	49,2
Mulheres	46	16	62	34	96	24,3	8,5	18,0	50,8
TOTAIS	76	25	101	88	189	40,2	13,2	46,6	100,0

(33) Vide testes de χ^2 no A.E.

Passemos, pois, ao estudo dos casais; vale dizer, centremo-nos naqueles casos em que ambos os cônjuges encontravam-se presentes quando elaborado o levantamento populacional sob análise.

Seria ocioso e redundante a esta altura mostrar a presença significativa de africanos, bem como realçar as distinções entre pardos e negros. Cingir-nos-emos, pois, à consideração de apenas duas questões; a dos enlaces que se davam entre elementos de mesma origem e àqueles que reuniam elementos de mesma cor. Neste sentido, podemos pensar em casais endogâmicos (ou exogâmicos) pela origem e/ou pela cor.

Iniciemos pela origem e para tanto detenhamo-nos na tabela 37. Confrontados os percentuais, ressalta a preponderância dos casamentos consagrados entre integran-

TABELA 37

DISTRIBUIÇÃO DOS CASAIS SEGUNDO
A ORIGEM DOS CÔNJUGES

Mulheres	Números Absolutos			Porcentuais		
	Homens			Homens		
	Coloniais	Africanos	Totais	Coloniais	Africanos	Totais
Coloniais	33	21	54	38,8	24,7	63,5
Africanas	7	24	31	8,3	28,2	36,5
TOTAIS	40	45	85	47,1	52,9	100,0

Nota: incluídas 2 forras e 3 forros casados com cativos.

tes de mesma origem; assim, 38,8% dos consórcios reuniam pessoas nascidas no Brasil e 28,2% originários da África. Segue-se o grupamento representado por uniões entre homens africanos e mulheres aqui nascidas (24,7%), fato devido à presença majoritária dos homens entre os africanos para cá deslocados e à comprovada maior propensão ao casamento que distinguia o elemento africano em face do colonial. Disto resultava o baixo peso relativo de casais compostos por mulheres africanas e homens nascidos no Brasil. De toda sorte, não pode restar dúvida quanto à predominância dos casais endogâmicos com respeito à origem (67,0% contra os restantes 33,0%).

Dominância ainda maior observava-se quanto à cor, destarte, apenas 9,4% dos casais compunham-se de pardos e negros, percentual igual aos das uniões entre pardos e muito inferior ao concernente às uniões entre negros: 81,2%. Disto se infere que tanto coloniais como africanos procuravam encontrar parceiros de mesma cor, firmando-se claramente, portanto, a superioridade numérica dos casais endogâmicos referentemente à cor (Cf. tabela 38).

Os dados desta tabela revelam, ainda, a dominância da endogamia pela origem sobre a da cor; assim, considerado só o elemento negro, verifica-se serem maiores os percentuais de casais constituídos por africanos e por pretos coloniais, do que os mistos, vale dizer, nos quais compareciam negros africanos e pessoas nascidas na colônia.

TABELA 38

DISTRIBUIÇÃO DOS CASAIS SEGUNDO
A COR E A ORIGEM DOS CÔNJUGES

Mulheres	Números Absolutos				Porcentuais			
	Homens			Totais	Homens			Totais
	Pardos Colon.	Pretos Colon.	Pretos Afric.		Pardos Colon.	Pretos Colon.	Pretos Afric.	
pardas colon.	8	3	2	13	9,4	3,5	2,4	15,3
pretas colon.	1	21	19	41	1,1	24,7	22,4	48,2
pretas afric.	2	5	24	31	2,4	5,9	28,2	36,5
TOTAIS	11	29	45	85	12,9	34,1	53,0	100,0

Considerações Finais

Parece-nos penoso, senão ocioso, elencar as conclusões que foram sendo estabelecidas no correr deste estudo. Elas são inúmeras e, ainda se limitadas, representam evidências solidamente ancoradas do ponto de vista empírico, evidências estas que revelam, ao menos, a urgente necessidade de novas pesquisas sobre o tema.

De nossa parte, mesmo no caso de vermos negadas as hipóteses aqui sugeridas, sentir-nos-emos recompensados por havermos acicatado a curiosidade dos estudiosos no sentido de ampliação de nossos conhecimentos no estimulante campo da história demográfica brasileira e, particularmente, no desafiante terreno da demografia escrava, do qual aprendemos, com clareza insofismável, por um lado, a impossibilidade de se disjuntar as variáveis econômicas das demográficas e, de outro, a necessidade de associar, ao dado quantitativo imediato, a perspectiva qualitativa, sem a qual fenece o conhecimento histórico.

Apêndice Estatístico

No correr deste artigo dispensamo-nos de apresentar testes estatísticos sempre que os mesmos, a nosso juízo, definiram-se como meras redundâncias em face da eloquência e clareza das relações matemáticas simples de que nos servimos na maior parte das vezes. Ressalvados os casos nos quais se nos impôs sua introdu-

ção no corpo do trabalho, deixamo-los confinados a este apêndice, no qual o leitor interessado encontrará, sempre na forma de testes sem maiores sofisticações, a comprovação estatística das afirmações que, no texto, vão lastreadas em operações aritméticas triviais.

Deve-se ter presente, ainda, que para as quatro companhias de ordenanças estudadas os testes são teoricamente dispensáveis, pois estamos a trabalhar com a população e não com u'a amostra. No entanto, para podermos generalizar, para Lorena como um todo, os resultados válidos para estas Cias., impõe-se, necessariamente, a utilização de testes estatísticos, pois, neste caso, as quatro Cias. definem-se como u'a amostra da população daquela localidade.

Nos quadros seguintes, além da descrição dos confrontos efetuados e da transcrição dos resultados, encontra-se a remissão à tabela ou ao tópico pertinente.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Iraci del Nero da. *Vila Rica: População (1719-1826)*. São Paulo, IPE-USP, 1979 (Série Ensaio Econômicos, 1).
- . Nota sobre Ciclo de Vida e Posse de Escravos. *História: Questões e Debates*. Curitiba, APAH, 4 (6): 121-127, Jun. 1983.
- METCALF, Alida C. *Families of Planters, Peasants, and Slaves: Strategies for Survival in Santana de Parnaíba, Brazil, 1720-1820*. The University of Texas at Austin, 1983.
- PETRONE, M.T.A. *A Lavoura Canavieira em São Paulo, Expansão e Declínio (1765-1821)*. São Paulo, Difel, 1968 (Corpo e Alma do Brasil, 21).
- SLENÉS, Robert W. *The Demography and Economics of Brazilian Slavery: 1850-1888*. Stanford University, 1976.
- . Escravidão e Família: Padrões de Casamento e Estabilidade Familiar numa Comunidade Escrava (Campinas, século XIX). *Estudos Econômicos*, 17(2): 217-227, Maio-Ago. 1987.

TABELA A.1 - TESTES DE χ^2

(continua)

TABELA OU TÓPICO AO QUAL CORRESPONDE	CONFRONTO	χ^2 CALCULADO	NÍVEL DE CONFIANÇA	COMENTÁRIOS
Tabela 6, gráfico 2	Mães solteiras e número de mulheres com 15 ou mais anos X faixas de tamanho dos plantéis. a. inclusive a faixa de 1 ca tivo b. exclusive a faixa de 1 ca tivo	2,49** 4,63**	70,0%(não sig-nificante) 90,0%	A relação entre faixas de tamanho e mães solteiras é verificada quando se tomam as solteiras sem filhos, também excluídas crianças (Cf. A-2).
Tabela 6	Mães solteiras e solteiras sem filhos (exclusive crianças) X faixas de tamanho dos plantéis (exclusive a faixa de 1 cativo).	5,392****	70,0%(não sig-nificante)	
Gráfico 2, Tabela 6 e 7	Mães solteiras coloniais e africanas X faixas de tamanho dos plantéis. Número de escravos com 15 ou mais anos e casados ou viúvos X faixas de tamanho dos plantéis. a. inclusive a faixa com 1 ca tivo b. exclusive a faixa com 1 ca tivo	0,23* 11,08** 5,86**	não sig-nificante 99,0% 90,0%	Com respeito à origem, não há concentração de mães solteiras em dada faixa de tamanho. A distribuição de casados ou viúvos dependia do tamanho dos plantéis (Cf. A-2).
Tabela 15	Legítimos e naturais X sexo dos mesmos (excluídos os africanos). a. crianças de 0 a 10 b. crianças de 0 a 14 Obs.: o resultado corrobora fracamente a nossa hipótese	1,90* 1,97*	80,0% 80,0%	Filhos legítimos e naturais compõem duas populações distintas quanto ao peso relativo dos sexos.

TABELA A.1 - TESTES DE X²

(continua)

TABELA OU TÓPICO AO QUAL CORRESPONDE	CONFRONTO	X ² CALCULADO	NÍVEL DE CONFIANÇA	COMENTÁRIOS
Tabela 16	População total e filhos legítimos com 14 ou menos anos X faixas de tamanho dos plantéis	23,68**	99,9%	População total e filhos legítimos não apresentam distribuição semelhante com respeito ao tamanho dos plantéis (Cf. A-2).
Tabela 16	Número total de legítimos e filhos naturais X faixas de tamanho dos plantéis	24,05**	99,9%	Filhos legítimos e naturais não apresentam distribuição semelhante com respeito ao tamanho dos plantéis (Cf. A-2).
Tabela 21	Cor: mães solteiras X solteiras com 15 ou mais anos	0,15*	não significante	A distribuição, segundo a cor, não diferia para mães solteiras e solteiras sem filhos (excluídas crianças)
Tabela 25	Mães solteiras coloniais, segundo a cor X 4 faixas etárias	1,08***	não significante	As estruturas etárias de mães solteiras pardas e pretas coloniais não diferiam significativamente - (Cf. nota 27).
Nota 26, Gráfico 10	Mães solteiras e casadas X 4 faixas etárias.	3,93***	não significante	As estruturas etárias de casadas com e sem filhos e mães solteiras não diferiam significativamente.
Nota 26, Gráfico 12	Pardas e pretas com 15 ou mais anos X 4 faixas etárias.	4,78***	80,0%	As estruturas etárias de pardas e pretas (tomadas conjuntamente) eram distintas.
Nota 26	Pretas coloniais e Africanas com 15 ou mais anos X 4 faixas etárias.	0,18***	não significante	As estruturas etárias de pretas coloniais e africanas não diferiam significativamente.

TABELA A.1 – TESTES DE X²

(continua)

TABELA OU TÓPICO AO QUAL CORRESPONDE	CONFRONTO	X ² CALCULADO	NÍVEL DE CONFIANÇA	COMENTÁRIOS
Nota 26	Pardas e pretas africanas com 15 ou mais anos X 4 faixas etárias.	2,79***	não significante	As estruturas etárias de pardas e africanas não diferiam significativamente.
Nota 26	Pardas e negras coloniais com 15 ou mais anos X 4 faixas etárias.	4,58***	70%(não sig- nificante)	As estruturas etárias de pardas e negras coloniais não diferiam significativamente.
Tabela 26	Cor das mães solteiras X faixas de tamanho dos plantéis.	0,027*	não significante	A cor das mães solteiras não se vinculava ao tamanho dos plantéis.
Tabela 26 e 27	Solteiras com e sem filhos X faixas de tamanho dos plantéis.	0,31*	não significante	As mães solteiras distribuíam-se como as solteiras sem filhos.
Nota 31	Mães solteiras e solteiras - sem filhos nascidas na África X faixas de tamanho dos plantéis.	0,012*	não significante	As mães solteiras africanas distribuíam-se como as solteiras originárias da África.
Tabela 29	Pretas africanas, pardas e pretas coloniais X estado conjugal (mães solteiras e casadas ou viúvas).	5,48**	90,0%	Havia discrepância com respeito à cor e à origem quanto às condições mãe solteira e casada ou viúva.
Nota 33	Pretas africanas e coloniais X estado conjugal (mães solteiras e casadas ou viúvas).	2,60*	80,0%	Havia discrepância entre pretas coloniais e africanas quanto às condições mãe solteira e casada ou viúva.

TABELA A.1 – TESTES DE χ^2

		(conclusão)		
TABELA OU TÓPICO AO QUAL CORRESPONDE	CONFRONTO	χ^2 CALCULADO	NÍVEL DE CONFIANÇA	
			COMENTÁRIOS	
Nota 33	Pretas africanas e pardas X estado conjugal (mães solteiras e casadas ou viúvas).	5,42*	98,0%	Havia discrepância entre pardas e pretas africanas quanto às condições mãe solteira e casada ou viúva.
Nota 33	Pardas e pretas coloniais X estado conjugal (mães solteiras e casadas ou viúvas).	1,17*	não significativa	Não havia divergência significativa entre pardas e pretas coloniais quanto às condições mãe solteira e casada ou viúva.
Tabela 31	Mulheres com 15 ou mais anos, segundo a origem X 3 faixas de tamanho dos plantéis	1,16****	não significativa	Não ocorria concentração de pardas nos pequenos plantéis, nem de negras nos grandes.
Nota 35	Total de africanos, pretos coloniais e pardos X faixas de tamanho dos plantéis	0,613**	não significativa	Não ocorria concentração de africanos em grandes plantéis, bem como de pardos nos pequenos. Observe-se que foi computada toda a população escrava.
Tabela 35	Pretos e pardos (com 15 ou mais anos) X 4 faixas etárias	4,216***	70% (não significativa)	Não havia distinções significativas entre homens pardos e pretos – com 15 ou mais anos –, com respeito às respectivas estruturas etárias.
Tabela 35	Africanos, coloniais pretos e pardos (com 15 ou mais anos) X estado conjugal (solteiros e casados ou viúvos).	7,365**	95%	Havia distinções com respeito à cor e à origem – para homens com 15 ou mais anos –, quando às condições solteiro e casados ou viúvos.

Notas: χ^2 tabelado (1 grau de liberdade, nível de 0,50) = 0,455
 ** χ^2 tabelado (2 graus de liberdade, nível de 0,50) = 1,386
 *** χ^2 tabelado (3 graus de liberdade, nível de 0,50) = 2,366
 **** χ^2 tabelado (4 graus de liberdade, nível de 0,50) = 3,357

A.2 – COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO

Variáveis	X	Número Médio de Escravos por Faixa de Tamanho dos Plantéis
Número de filhos legítimos com 14 ou menos anos sobre número total de crianças com 14 ou menos anos. ^(a)		+0,80
Número de filhos naturais com 14 ou menos anos sobre o número total de crianças com 14 ou menos anos. ^(b)		-0,71
Número de mães solteiras sobre total de mulheres com 15 ou mais anos. (b)		-0,61
Número de casados ou viúvos sobre total de pessoas com 15 ou mais anos. (b)		+0,81

Nota: (a) para 6 faixas de tamanho; (b) para 5 faixas de tamanho.